

Valéria Amorim Arantes

**MEMORIAL
E
CURRICULUM VITAE**

Apresentado como exigência parcial do
concurso para obtenção do título de Livre-Docência no
Departamento de Filosofia da Educação e
Ciências da Educação da Faculdade de Educação
da Universidade de São Paulo.

Outubro de 2012

SUMÁRIO

Item	Pág.
Introdução	03
A formação universitária: os primeiros passos no campo da psicologia	04
A vida após a universidade: a busca por caminhos incertos e insólitos	05
Primeiros caminhos profissionais: provisórios e definitivos	07
O doutorado em Barcelona: novos caminhos de formação	08
A educação e a docência como escolha profissional	15
A prática docente e as complexas relações entre o campo psicológico e a intervenção pedagógica	18
A vida como pesquisadora: a descoberta de um novo caminho profissional	21
As publicações decorrentes das ações docentes e de pesquisa	37
Formando professores e a cidadania: os trabalhos de extensão à comunidade	42
A gestão de interesses públicos e a representação democrática	46
A afetividade no cenário da educação e da vida	50
Currículo Lattes	51

Introdução

“Dizem que mais difícil do que adquirir novos conhecimentos é conseguir desprender-se dos velhos. Abandonar uma idéia supõe renunciar a uma parte de nosso pensamento - daquele que consideramos verdade durante muito tempo - e deixar-se fascinar pelo insólito. É nesta capacidade de fascinação que reside o gérmen do progresso”.
(Moreno, Sastre, Leal e Busquets¹)

Ao tomar contato com a citação acima passei a compreender que esta busca pelo novo, pelo insólito, vem iluminando minha vida profissional desde a graduação em Psicologia, uma procura incessante por novidades, fruto de inquietações que me fazem estar sempre no encalço de melhores condições de trabalho e de estudo.

Minha história pessoal e profissional está permeada pela vontade de compreender a natureza psicológica do ser humano. Tal compreensão tem o objetivo explícito de auxiliar-me na busca por uma educação mais humana e significativa para os alunos e as alunas. Em poucas palavras, procuro na Psicologia contribuições para auxiliar a educação a atingir algumas de suas metas principais: a instrução e a formação de personalidades competentes, tanto do ponto de vista ético quanto científico-profissional.

Esta clareza de objetivos, no entanto, sempre foi encarada sob uma perspectiva de incertezas e indeterminações. Enfrentar esse paradoxo é possível quando nos projetos e metas deixamo-nos abertos ao insólito, confiando na nossa capacidade de leitura do mundo, da vida e das dezenas de caminhos que se descortinam à nossa frente, durante nossa trajetória pessoal e profissional. Saber tirar de cada experiência, e caminho provisório, o melhor para nossa felicidade pessoal e coletiva tem sido forma aprendida para obter segurança e suportar as angústias e ansiedades inerentes às incertezas e indeterminações que surgem quando desprendemo-nos dos velhos valores e conhecimentos.

Acredito que a afirmação “...é preciso aceitar caminhar sem um caminho, fazer o caminho enquanto se caminha”² retrata bem minha forma de ver a vida.

¹ *Falemos de sentimentos: a afetividade como tema transversal*. São Paulo: Moderna, 1999, p.13.

² Morin, E. *O método 1: a natureza da natureza*. Porto Alegre: Sulinas, 2002, p. 36.

A formação universitária: os primeiros passos no campo da psicologia

Este quadro de inquietação iniciou-se em 1988, quando ingressei no curso de Psicologia da UNIUBE- Universidade de Uberaba. Depois de um ano, percebi que tal curso não atenderia minhas expectativas pessoais e profissionais. Isto me levou a transferir-me para a PUCCAMP - Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Aceita a transferência, e tendo me adaptado muito bem tanto na escola como na nova cidade, tornei-me monitora em TEP - Técnicas de Exame Psicológico I e II, durante três anos seguidos (1991 a 1993). Isto me garantiu uma bolsa que reduzia em 60% o valor da mensalidade, embora não estivesse convencida da eficácia dos testes psicológicos tratados naquela disciplina para "quantificar" as características humanas. Comecei, então, a questionar alguns pressupostos da Psicologia e romper com algumas "verdades" que me eram apresentadas durante a graduação. Foi uma oportunidade ímpar para construir relações pessoais e profissionais com meus colegas e professores, começando a me interessar pelos "mistérios" que caracterizam as relações humanas em situações de ensino e de aprendizagem .

Concomitante com a monitoria de TEP realizei, como parte das exigências para o estágio na área de Psicologia clínica, atendimento terapêutico ao Ricardo³, uma criança de 8 anos. No contexto cotidiano desses atendimentos sentia - com toda a minha inexperiência e insegurança -, que os pressupostos teóricos da teoria freudiana (essa era a linha mestra do trabalho desenvolvido) não me davam respostas para as inquietações e questionamentos advindos da relação construída com aquela criança. Devo confessar que, em muitos momentos, "abandonei" os pressupostos teóricos que deveria (e tentava) aplicar com meu pequeno "cliente" e *deixei-me fascinar pelo insólito*, tentando ler e ouvir o que ele, com poucas palavras e muitos sentimentos, me dizia. Espontaneísmo? Talvez. Cercada por quatro paredes me permiti "trocar de óculos" e pude ver coisas fantásticas! Pude verificar que a forma como me relacionava com aquela criança produzia resultados muito mais significativos para sua vida do que as aplicações que tentava realizar a partir da teoria estudada. Estas angústias e ansiedades permanecem vivas até hoje, mobilizando-me na busca da compreensão da natureza do funcionamento psíquico humano e do papel que sentimentos, emoções e afetos exercem nas relações humanas e nas relações de aprendizagem.

³ Nome fictício.

Obtive a Licenciatura em Psicologia no ano de 1992 e o grau de Bacharel em Psicologia em 1993, ambas na PUCCAMP.

A vida após a universidade: a busca por caminhos incertos e insólitos

A vida de um recém-formado em Psicologia não é nada tranqüila, considerando a necessidade de escolher um rumo profissional dentre as diversas possibilidades que são abertas por esta carreira.

Apesar de ter contato com a área educacional, com os estágios em empresas e indústrias, com projetos sociais, com pesquisas, meu curso de Psicologia (assim como a maioria daqueles que conheço), direcionou meus interesses para a área clínica. A sedução psicanalítica ou o fetiche do psicólogo profissional liberal com consultório impregna a mente de boa parte dos estudantes, e eu não fui uma exceção. A maioria de minhas amigas embarcou nessa viagem da clínica, montando consultórios (que foram rapidamente fechados).

Meus caminhos, no entanto, eram incertos pois o término do curso reservou-me tomar decisões profissionais em meio a mudanças de várias ordens em minha vida pessoal. A principal envolveu a decisão de mudar-me imediatamente para uma cidade desconhecida e, até mesmo, assustadora: São Paulo.

Era fevereiro de 1994 e a decisão de viver em São Paulo surgiu após ser aprovada em processo seletivo para o Curso de Aperfeiçoamento em "Atendimento Terapêutico e Educacional de crianças com problemas emocionais graves", oferecido pela Escola Terapêutica Lugar de Vida da Universidade de São Paulo, coordenado pela Professora Dra. Maria Cristina Machado Kupfer. Como se diz popularmente, eu vinha "atirando para todos os lados", buscando possíveis realizações profissionais e experiências que a universidade não me proporcionara, sem medo dos desafios que teria que enfrentar e das novidades com as quais teria que conviver. Fazer um curso em uma universidade como a de São Paulo era um desejo, mesmo porque envolvia a área clínica. Deixei os caminhos da vida me levarem à decisão de ir para São Paulo.

Essa foi uma de minhas experiências profissionais e pessoais mais significativas, pelo estudo teórico feito e pela possibilidade de atendimento clínico durante 2 anos a uma criança psicótica. Os encontros com Norma⁴ aconteciam duas vezes por semana, além das reuniões de

⁴ Nome fictício

supervisão e aulas teóricas. Os atendimentos à criança foram, sem sombra de dúvidas, um dos grandes desafios enfrentados durante minha recente vida profissional. Novamente me via com questionamentos sobre os limites da aplicabilidade dos pressupostos teóricos estudados, desta vez lacanianos. Os encontros com Norma eram permeados por muito afeto e muita agressividade. A sensibilidade daquela criança trouxe-me muitas dúvidas e incertezas sobre a psicologia clínica. Gostava muito de estar com Norma, mas os encontros de supervisão do trabalho me pareciam intermináveis.... Acho que já não acreditava naquelas "verdades"...

As horas que passava na Universidade de São Paulo, no entanto, ocupavam apenas uma pequena parcela de meu tempo, e essa inquietação me levou a buscar novas experiências profissionais. Eu o fiz da maneira mais prosaica: classificados de jornal. Com a cara e a coragem, respondi ao anúncio de uma escola de educação infantil que procurava professores, e submeti-me ao processo seletivo.

Consegui emprego como professora de educação infantil no “Centro de Estudos e Convivência Infantil Arraial das Cores”, para trabalhar como professora auxiliar do berçário. Era outubro de 1994. Em dezembro do mesmo ano a coordenadora pedagógica me convidou para assumir, como professora, a partir de fevereiro de 1995, uma turma de crianças de 5 anos. Fiquei contente e muito, muito apreensiva. Tinha a certeza de que novos desafios e novas experiências se descortinavam em minha vida. Aceitei prontamente o convite.

No primeiro dia de aula, em fevereiro de 1995, o desafio me pareceu muito maior do que o esperado: havia, em minha turma, um aluno com deficiência mental. Foi um trabalho difícil, especialmente pelo desconhecimento que tínhamos (a escola e eu) sobre o caso específico da "deficiência" do Guilherme⁵. Desta vez lancei mão dos aprendizados que o Ricardo e a Norma me proporcionaram. Distante do contexto de consultório, me pareceu mais fácil desprender-me daquelas supostas "verdades" teóricas e aproximar-me de questionamentos éticos que embasavam minhas preocupações pessoais, sociais e políticas. Era a oportunidade que tinha nas mãos de construir uma "escola" que efetivamente respeitasse as diferenças e se abrisse para o novo. E assim o fiz. Enfrentei os preconceitos dos pais e mães de muitas crianças daquele grupo, juntamente com o medo e a fuga dos pais do Guilherme, além dos "interesses" e "desinteresses" dos dirigentes da instituição escolar. Tal experiência me permitiu abandonar aquele olhar que temos para o aluno como um eterno "vir a ser" e que muitas teorias psicológicas nos impõem.

⁵ Nome fictício.

Construí e reconstruí, ao longo desse trabalho, minhas práticas pedagógicas e morais. Aprendi a olhar para as diversas maneiras de raciocinar não como melhores ou piores, inferiores ou superiores, mas como diferentes.

No final daquele ano, foram identificados enormes avanços no desenvolvimento daquela criança, e do grupo. Ele já não urinava e defecava na calça durante as aulas, participava das atividades com as outras crianças (o que não fazia no início do ano), houve enormes avanços em sua coordenação motora, por exemplo ao servir seu lanche sozinho. De outra forma, as demais crianças da turma o aceitaram e sempre lhe atribuíam alguma responsabilidade durante os trabalhos coletivos. Ele, de fato foi incluído por aquele grupo de crianças, e pela professora, claro!

Com uma avaliação muito positiva do trabalho desenvolvido com o grupo e com as "diferenças" que o caracterizavam, e sem muitos elementos para entendê-la, estava tomada pelo desejo de investigar sobre um dos grandes mistérios da vida humana: a dimensão afetiva e como o trabalho profissional e pedagógico calcado em tal princípio pode trazer novas perspectivas ao ato educativo.

Não posso deixar de mencionar, também, que nessas buscas e experiências decidi fazer psicoterapia, em uma linha freudiana ortodoxa, vinculada à Sociedade Brasileira de Psicanálise. Eram quatro sessões semanais, de muita angústia, reflexão, descobertas e amadurecimento pessoal. Foi um espaço riquíssimo, um caminho provisório e paralelo aos demais, que me auxiliou muito nas decisões que se seguiram.

Primeiros caminhos profissionais: provisórios e definitivos

Desde que iniciei minha formação profissional na área de Psicologia e também como professora, não conseguia admitir a simplicidade das teorias psicológicas que reduziam a natureza humana ora a seus aspectos cognitivos, ora a seus aspectos afetivos. Na faculdade e na escola estudávamos o construtivismo piagetiano, depois as teorias comportamentais e depois a teoria psicanalítica, por exemplo. Mas no contexto cotidiano dos atendimentos clínicos e da realidade da sala de aula, sentia que a forma como me relacionava com as crianças produzia resultados muito mais significativos para suas vidas do que as aplicações que tentava realizar a partir das teorias psicológicas estudadas.

Isto me inquietava e me impelia a buscar novos desafios, novas teorias psicológicas que abordassem de maneira mais contextual as relações entre cognição e afetividade, que avançassem na compreensão da psique humana.

A experiência de trabalhar com Ricardo, com Norma e com Guilherme, pessoas diferentes e especiais, como cada um de nós, me fazia refletir constantemente sobre Psicologia e Educação, sobre a natureza humana, sobre as relações entre cognição e afetividade. Compreender o papel dos afetos nas relações interpessoais foi, lentamente, configurando-se como meu grande objetivo pessoal e profissional. Tal preocupação parecia articular psicologia, clínica e educação. O campo da educação passou a ser, também, o *locus* preferencial para meu trabalho e atuação profissional. Ser professora me fazia feliz e respondia aos meus anseios de atuar buscando minha felicidade pessoal, ao mesmo tempo que contribuindo para a formação e a felicidade de outras pessoas.

Casualmente em 1994, em uma situação informal, havia conhecido a Profa. Genoveva Sastre, da Universidade de Barcelona, que estava no Brasil para uma série de conferências. Lembro-me de, naquele momento, ter comentado com ela sobre minhas idéias e preocupações sobre o papel dos afetos e emoções nas relações de ensino e de aprendizagem escolares.

Em 1995 retomei o contato com a Profa. Sastre, solicitando uma vaga no programa de doutorado daquela universidade, sob sua orientação, pretendendo estudar as relações entre os aspectos afetivos e cognitivos no funcionamento psíquico humano. Para minha felicidade, obtive resposta imediata e fui aceita no programa de Doutorado "Processos Cognitivos", do Departamento de Psicologia Básica da Faculdade de Psicologia da Universidade de Barcelona.

O doutorado em Barcelona: novos caminhos de formação

Os programas de doutorado da Faculdade de Psicologia da Universidade de Barcelona concentravam suas disciplinas no período de fevereiro a junho do ano letivo. Isso permitiu que os créditos de disciplina fossem cumpridos nos primeiros semestres de 1996 e, depois, de 1997.

Estudar em Barcelona foi, de fato, uma experiência que ajudou a consolidar as metas profissionais que vinha construindo e abriu novos caminhos e perspectivas pessoais e profissionais. Além da boa receptividade que tive por parte do grupo de professores daquela universidade, estabeleci vínculos que me permitiram participar efetivamente das atividades do *Laboratório de Processos Cognitivos*, coordenado pelas professoras Genoveva Sastre e Montserrat

Moreno, e acompanhar a estruturação de uma nova teoria no campo da Psicologia, com fortes vínculos na área educacional: a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento.

Tal teoria tem origem nos pressupostos teóricos e epistemológicos desenvolvidos por Jean Piaget e Barbel Inhelder. Essa autora, talvez a maior colaboradora de Piaget, prosseguiu as investigações sobre os aspectos funcionais da cognição iniciadas por Piaget na década de 70 e, em 1992, publicou um livro junto com Guy Cellérier e outros autores (*Le cheminement des découvertes de l'enfant: recherche sur les microgenèses cognitives*), procurando estudá-los por meio da resolução de problemas. Nesse trabalho, estudando o papel funcional das representações, Inhelder afirma que os instrumentos cognitivos formam os "modelos do sujeito". Para ela: *"o sujeito psicológico, em situação de resolução de problema, constrói para si próprio 'modelos ad hoc', locais, que utiliza para organizar o encadeamento de suas ações, assim como para interpretar a situação com a qual está sendo confrontado. Essas formas de organização diferem das estruturas até então preponderantes em Psicologia Genética"*.

A idéia de que o raciocínio humano depende de modelos mentais surge, de acordo com Halford⁶, a partir de duas discussões teóricas: a desilusão com a idéia de que o raciocínio pode ser explicado apenas em termos da lógica psíquica, já que existem evidências de que alguns raciocínios podem utilizar outros processos; e a compreensão de que alguns conceitos são elaborados pelos sujeitos tendo como base a experiência concreta e não a lógica, ou o modelo científico de conhecimento. Para esse autor, a busca da compreensão da natureza desses conhecimentos foi o que o levou ao desenvolvimento da teoria dos modelos mentais, um conceito muito em voga atualmente entre os estudiosos da ciência cognitiva.

Moreno e Sastre reconheciam a relevância das teorias de modelos mentais por descreverem os aspectos representacionais do pensamento humano. Desde 1988 vinham publicando artigos sob essa perspectiva, ao mesmo tempo que apontavam suas limitações. Nos anos de 1996 e 1997, exatamente quando eu estudava em Barcelona, elas estavam elaborando um livro que sistematizava a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento. Esse livro foi publicado em 1998 na Espanha com o título de *"Conocimiento y Cambio: los modelos organizadores en la construcción del conocimiento"*. Em 1999, o mesmo livro foi publicado no Brasil, tendo feito a revisão técnica da edição em português.

⁶ *Children's understanding: the development of mental models*. New Jersey:LEA, 1993.

Dentro de uma perspectiva evolutiva-construtivista, essa teoria busca integrar elementos da epistemologia genética e das ciências cognitivas na busca de uma explicação do raciocínio humano que considere ao mesmo tempo os aspectos estruturais internos ao sujeito e os aspectos externos a ele, que vêm a ser os conteúdos presentes na realidade.

Os “Modelos Organizadores” são definidos pelas autoras como:

“uma organização particular que o sujeito, a partir de uma situação determinada, realiza dos elementos que seleciona e elabora, do significado que lhes atribui e das implicações que deles se derivam. Tais dados procedem das percepções, das ações (tanto físicas como mentais) e do conhecimento em geral que o sujeito possui sobre uma situação dada, assim como das inferências que, a partir de tudo isso, realiza. O conjunto resultante está organizado por um sistema de relações que conferem uma coerência interna, a qual produz, no sujeito que a elabora, a idéia de que mantém uma coerência externa, isto é, uma coerência com a situação do mundo real que representa” (1999, p.68).

Assim, apresento a seguir um resumo sobre essa teoria que elaborei em minha tese de doutorado (Arantes, 2000), apontando os seguintes aspectos que caracterizam a Teoria dos Modelos Organizadores:

- Trata-se de uma teoria sobre o funcionamento mental. Aceitar o caráter funcional de tal teoria não significa abandonar os aspectos formais do pensamento, mas sim encarar a conduta humana como uma coordenação entre os aspectos internos e externos do sujeito psicológico.
- Como uma teoria de natureza funcional, os modelos organizadores do pensamento sintetizam o resultado das atividades utilizadas pela mente na organização do pensamento, relacionando os aspectos estruturais da cognição aos conteúdos presentes na realidade. Entendemos os modelos organizadores como a *organização* da “representação” que o sujeito realiza de uma determinada situação articulando, ao mesmo tempo, conteúdo e forma. A construção do que denominamos modelos organizadores é o que permitirá ao sujeito compreender a realidade e a si mesmo.
- As atividades realizadas pelo sujeito na elaboração de um modelo organizador (seleção e abstração de elementos, atribuição de significados e relações e/ou implicações estabelecidas entre eles) envolvem atividades perceptivas, mas que são interpretadas pelo sujeito do

conhecimento. Nesse sentido, o conhecimento não é uma simples cópia da realidade objetiva mas uma construção que o próprio sujeito realiza .

- Os modelos organizadores permitem introduzir na explicação sobre o funcionamento mental elementos como a *imaginação*. Existem elementos na realidade que não figuram nos modelos e elementos que figuram nos modelos e não estão presentes na realidade. Isso nos leva a compreender que outros aspectos de natureza não-lógica, como os sentimentos, as representações sociais, os desejos e os valores atuam na organização mental, possibilitando ao sujeito imaginar, fantasiar a realidade de maneiras peculiares, sem correlação direta com a realidade objetiva.

Como pode ser observado por essa pequena síntese, essa teoria forneceu dados que me ajudavam a responder às interrogações que eu tinha há muitos anos, sobre o papel dos aspectos afetivos, como sentimentos, desejos e emoções, no funcionamento psíquico humano. Embora seja uma teoria de psicologia básica, seus desdobramentos permitem aproximações com a área educacional, como veremos adiante.

Retomando a discussão sobre meus estudos de doutorado, no programa da Universidade de Barcelona, antes do aluno dedicar-se à tese deve cumprir dois tipos de créditos: de disciplinas e de investigação. Os primeiros foram cumpridos em 1996 e 1997, como afirmei, cursando 9 disciplinas.

Para se obter o segundo tipo de créditos é necessário desenvolver uma pesquisa, que é defendida, ao final, diante de uma banca de três professores da universidade. Seria como o nosso mestrado, no Brasil, sendo que muitos conseguem a convalidação desse trabalho em nosso país.

Em meu caso, no desenvolvimento desse trabalho foi que me aproximei de pesquisas na área da moralidade humana. Na perspectiva de muitos autores, os conteúdos de natureza moral envolvem em sua resolução os aspectos cognitivos e afetivos inerentes ao pensamento humano, de forma dialética e não fragmentada, e tornam-se, por isso, uma temática privilegiada para se estudar tais relações.

Desenvolvi a pesquisa “Modelos Organizadores na resolução de dilemas morais: um estudo intercultural com estudantes brasileiros e catalães”, que foi apresentada e aprovada em 1998. Nesse trabalho, empreguei o clássico “dilema de Heinz”, elaborado pelo psicólogo norte-americano Lawrence Kohlberg, que opõe a vida humana a situações de justiça legais e a interesses

personais, buscando compreender o juízo moral das pessoas. Em meu trabalho, analisei as respostas de estudantes brasileiros e catalães à luz da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento, procurando perceber como organizavam seus pensamentos e como os afetos pessoais influenciavam suas representações envolvendo justiça, sociedade e lei. Nos resultados obtidos encontramos uma grande variação intercultural e intrapessoal entre as respostas, dependendo das características específicas dos conteúdos apresentados no decorrer da situação dilemática. Verificamos, também, que a grande maioria dos sujeitos elaboravam de maneira diferente seu julgamento moral quando havia mudanças no contexto do dilema, passando de um contexto público para um privado. Na conclusão do trabalho apontamos a necessidade de buscar novos modelos teóricos que integrassem a afetividade, as representações sociais e a cognição na explicação dos juízos morais. O trabalho apresentou uma forte crítica ao modelo teórico de Kohlberg, que considerava em suas explicações apenas os aspectos cognitivos e o princípio de justiça, e apontamos a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento como uma boa perspectiva para trabalhos dessa natureza.

Os resultados dessa investigação foram apresentados em eventos científicos na Espanha, no México e no Brasil, gerando também publicações relacionadas a esses eventos.

Obtidos os créditos de investigação, e tendo-se cumprido os de disciplinas, a Universidade de Barcelona autorizou minha matrícula para a elaboração da tese, que deve ser outro trabalho, a ser cumprido em um prazo mínimo de 5 anos e máximo de 7 anos.

A partir de 1998 passei a ir anualmente a Barcelona em períodos mais curtos, de 30 a 50 dias, para encontrar-me com minha orientadora. Também aproveitamos congressos no exterior, México e Estados Unidos, onde apresentamos trabalhos em conjunto, para nos encontrarmos durante o desenvolvimento da pesquisa.

Todo esse esforço foi recompensado com a defesa de minha tese de doutorado em junho de 2000 na Faculdade de Psicologia da Universidade de Barcelona. Intitulada “Estados de ânimo e os modelos organizadores do pensamento: um estudo exploratório sobre a resolução de conflitos morais”, o trabalho foi aprovado com a nota máxima outorgada naquela universidade, “Excelente Cum Laude”, e concorreu ao prêmio de melhor tese de doutorado da Universidade de Barcelona no ano acadêmico 1999/2000.

Na tese busquei investigar as relações entre os estados de ânimo e os modelos organizadores do pensamento, tentando estudar o papel da afetividade na organização do pensamento humano durante a resolução de conflitos morais. Nessa pesquisa, 90 professores

brasileiros foram divididos em três grupos e cada um deles foi levado a experimentar diferentes estados emocionais, antes de serem solicitados a resolver um conflito moral que envolvia a utilização de drogas por um aluno dentro da escola. Um grupo experimentou sentimentos “positivos”, como alegria, felicidade e/ou satisfação pessoal; outro grupo experimentou sentimentos “negativos”, como tristeza, frustração, e/ou insatisfação pessoal; e o terceiro grupo foi chamado de “neutro” porque os sujeitos não foram induzidos a experimentar nenhum tipo específico de sentimento, o que não significa, obviamente, que estes sujeitos estivessem “emocionalmente neutros”.

Os resultados gerais mostraram que os professores do grupo “positivo” tenderam a organizar seus pensamentos com modelos organizadores mais complexos e defenderam, em seus julgamentos, a idéia de que a professora deveria se envolver diretamente na ajuda ao estudante usuário de drogas. Por outro lado, professores do grupo “negativo” tenderam a elaborar modelos organizadores menos complexos e defenderam o princípio de que a professora não tinha que se envolver nesse tipo de problema de seus alunos. O grupo “neutro” se colocou exatamente entre os dois outros grupos.

Nesse trabalho, constatamos que o estado de ânimo interno das pessoas exerce grande influência na forma como elas julgam um conflito moral, concluindo que os modelos organizadores dos sujeitos foram construídos não somente a partir da lógica subjacente às suas estruturas mentais, mas também a partir de seus sentimentos e afetos. Nesse sentido, o papel da afetividade deixa de ser somente energético e/ou motivacional na vida humana e passa a ser organizador, e até mesmo estruturante, de nossos pensamentos.

Dentre as implicações educacionais do trabalho, destacamos duas principais: a) a importância de se estabelecer ambientes escolares “positivos”, baseados na alegria, na felicidade e na satisfação interna. Isso deve refletir na auto-estima, autoconfiança e autoconhecimento dos professores, com conseqüente influência no desempenho em seu papel de educadores; b) a tese apontou a importância de incluir-se na pauta educacional o tema da afetividade e das emoções, reconhecendo que a dimensão afetiva do ser humano precisa ser trabalhado nas escolas, assim como se trabalham a matemática, a língua e as ciências.

Na opinião da banca de defesa e de muitos outros profissionais que tiveram contato com esse trabalho, ele abre perspectivas para futuras investigações que questionam o paradigma racional-iluminista predominante no campo da psicologia que, historicamente, relegou a afetividade a um papel secundário, ou até mesmo negativo, no raciocínio humano. Independente

de tal pretensão ser adequada ou não, estou segura de que estudar o papel dos afetos, sentimentos e emoções na organização do pensamento humano pode abrir novas perspectivas para os estudos psicológicos e educacionais.

Essa tese teve uma boa repercussão e, por sua extensão e complexidade dos dados, permitiu que vários artigos fossem publicados, no Brasil e no exterior, aproveitando suas diversas possibilidades de leitura. Na Espanha, em 2003, saiu publicado o artigo “Moralidad, sentimientos y educación” na Revista Educar, da Universidade Autônoma de Barcelona. Em Portugal, também em 2003, saiu publicado na Revista Videtur, da Universidade do Porto, o artigo "Afetividade e Cognição: rompendo a dicotomia na educação". No Brasil, uma primeira versão foi publicada em 2001 na Revista Educação e Pesquisa, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, com o título “Cognição, afetividade e moralidade”. Em 2003 alguns dos dados e discussões foram publicados no livro “Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas”, no capítulo “Afetividade, cognição e moralidade na perspectiva dos modelos organizadores do pensamento”.

Seus resultados também foram apresentados em diversos congressos científicos internacionais, em países como Suécia, Escócia, Espanha, e também no Brasil, com boa valoração por parte dos colegas. Além disso, em duas oportunidades, apresentei os dados da pesquisa em seminários para professores e alunos da Universidade de Barcelona e da Universidade de Northern Iowa (EUA).

No período compreendido entre 1996 e 2000, durante a realização de meu doutorado na Universidade de Barcelona, portanto, novos caminhos profissionais foram abertos. Mais importante, porém, considero o fato de que houve aí a consolidação de idéias fragmentárias que vinham se desdobrando desde o meu curso de Psicologia. As pesquisas nesse período me permitiram dar uma sustentação acadêmica e científica às minhas inquietações sobre o papel dos afetos, sentimentos e emoções nas relações intrapessoais e interpessoais do ser humano. Ou seja, retomando o início deste memorial, o paradoxo da clareza dos objetivos com as incertezas e indeterminações dos caminhos a serem percorridos, fizeram-se presentes nesse período de formação pessoal e profissional.

A educação e a docência como escolha profissional

A experiência de ser professora no “Arraial das Cores” foi marcante. O vínculo estabelecido com aquelas crianças mexeu com minhas convicções de "futura terapeuta". Consegui compreender que a sala de aula era o campo onde podia viver cotidianamente minhas inquietações, perguntas e "certezas" sobre o papel da afetividade na vida humana. A sala de aula, e as relações professor-aluno não existem sem afetos, sentimentos e emoções, apesar de muita gente negar tal perspectiva e insistir que esse espaço social deve ser ocupado apenas pelo cérebro, ou pela cognição, ou pela razão.

Creio que soube compreender o caminho que se descortinava em minha vida, e assumi que ser professora, de Psicologia e Educação, me levaria a atingir a felicidade pessoal e profissional. A sala de aula e as relações com as pessoas seriam meu *locus* de trabalho e de estudo, sem pensar que meus alunos e eu deveríamos deixar nossos sentimentos do lado de fora da sala, separando cognição e afetividade.

De volta ao Brasil no segundo semestre de 1997, e residindo em Campinas, procurei emprego como professora de escolas infantis, pois não havia cursado Pedagogia. As indeterminações da vida, porém, me levaram a conseguir meu primeiro emprego como professora em uma universidade privada, como substituta de uma professora que passava um semestre fora do Brasil.

Trabalhei durante 2 anos na Universidade São Francisco, nos campus de Bragança Paulista e de Itatiba, dando aulas para os cursos de Psicologia e de Pedagogia. Esta foi, também, uma primeira experiência com as mazelas de nosso sistema educacional, principalmente em universidades privadas. Afinal, nesse período de substituições me foram atribuídas aulas em disciplinas tão variadas quanto “Metodologia do ensino da Matemática”, “Psicologia da Educação e Didática”. Foi um bom aprendizado.

Em 1998, continuando a trabalhar na Universidade São Francisco, fui aprovada por meio de processo seletivo para ser professora da UNIP - Universidade Paulista, no curso de Pedagogia, em Campinas.

A partir de 1999 fiquei apenas com a Universidade Paulista, por ser em Campinas. No segundo semestre, porém, me foram atribuídas aulas em dois campus diferentes na cidade de São Paulo e foi anunciado que a permanência dos professores na universidade estaria condicionada ao

aceite de condições de trabalho que envolviam aulas em múltiplos campus e... múltiplas disciplinas, claro.

Realizei um bom trabalho na Universidade Paulista, que culminou com minha escolha como Parainfa da turma dos formandos de 2000. Foi uma das experiências mais marcantes em minha curta carreira como professora, que acentuou minhas crenças na importância da qualidade nas relações professor-aluno para uma boa aprendizagem. Até hoje me encontro com essas alunas, que atestam o quanto o trabalho que fizemos influenciou seus caminhos profissionais.

Mas a resistência ao trabalho em universidades privadas foi se acentuando. Um primeiro fato foi quando me atribuíram aulas de Sociologia, em um campus de São Paulo. Assim como na Universidade São Francisco, fiz um bom trabalho, mas porque me baseei no protagonismo de meus alunos e desenvolvemos pesquisas sobre o cotidiano social da realidade brasileira. Mas o quadro foi se complicando quando começaram a promover a homogeneização do ensino universitário. Estava nessa universidade quando iniciaram as primeiras tentativas (hoje estão adotadas) de padronizar os textos, livros e as avaliações para todos os campus da universidade. Me opus ferrenhamente a tais medidas, não as implementando em minhas aulas, o que foi tornando cada dia mais difícil minha convivência ali.

Além disso, estava no meio de meu doutorado, dando aulas praticamente todas as noites, em campus e cidades diferentes, e sem nenhum apoio institucional para minhas pesquisas. Cada ida a Barcelona era permeada por muitos desgastes, incluindo o corte de salário. Com muito esforço - físico e emocional -, consegui concluir o doutorado em janeiro de 2000 e marcaram a defesa para junho de 2000.

Em Setembro desse ano, com o título de doutora, apareceu uma oportunidade de trabalho que avalei como excepcional: trabalhar no programa de mestrado em formação de professores da Universidade de Uberaba (MG). Apesar da distância de 400 km de Campinas, as condições salariais eram boas e como as aulas eram apenas para o curso de mestrado, teria que ir a Uberaba de 15 em 15 dias, permanecendo ali por 4 dias. As condições eram sedutoras pois poderia, enfim, desenvolver atividades de pesquisa nos meus campos de interesse: as relações entre afetividade e cognição, e entre psicologia e educação.

Uma vez mais me decepcionei com instituições privadas de ensino. Apesar das “aparentemente” boas condições de trabalho, descobri que a coordenação não gostava de minha linha de pesquisa pois queria pessoas que trabalhassem apenas com políticas públicas na área de educação. A diretriz do programa não permitia que os docentes oferecessem disciplinas

específicas sobre seus campos de estudo, pois acreditavam que o conhecimento era produzido coletivamente e todos deveriam ter condições de trabalhar qualquer conteúdo. Nesse sentido, as aulas eram coletivas e todos os professores e alunos assistiam as aulas dos colegas. Assim, me vi tendo que dar aulas sobre autores com os quais não trabalho, como Foucault, e temas que não dominava, como políticas educacionais, para colegas especialistas no assunto, e sem espaço para o trabalho com psicologia e educação. Essas aulas eram definidas pelo coordenador e tínhamos que ministrá-las.

Uma das situações mais complicadas ocorreu quando propus levar até a universidade um seminário internacional sobre cognição, afetividade e educação, que contaria com a presença de professoras da Universidade de Barcelona e de outras universidades brasileiras. Apesar do potencial interesse institucional na realização do seminário por parte de um programa em busca de reconhecimento pela CAPES, a proposta foi recusada e boicotada pelo coordenador que se opunha a estudos na área de psicologia (acabei trazendo o seminário, posteriormente, para a FEUSP). Descobri, então, que jamais teria espaço ali para desenvolver meu trabalho e que havia sido contratada apenas porque a CAPES exige que o corpo docente de programas de mestrado tenha pessoas com formação distintas, como em psicologia.

Uma nova situação, no entanto, contribuiu para a deterioração de minhas relações na Universidade de Uberaba, culminando com meu pedido de demissão em Março de 2002.

Em Agosto de 2001, por meio de processo seletivo, ingressei no quadro docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em São Paulo, no Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação, na área de Psicologia da Educação. A vaga era para uma substituição, e o contrato em regime de RTP, com 12 horas de trabalho semanais.

Apesar das condições adversas oferecidas por esse tipo de contrato, considerei que valeria a pena investir no trabalho na Universidade de São Paulo. Todas as minhas experiências em universidades privadas se opunham a meus reais interesses pessoais e profissionais. Na USP encontrei condições para levar a cabo meus projetos de trabalho e um ambiente rico e estimulador para o desenvolvimento de pesquisas e produção acadêmico-científica.

A prática docente e as complexas relações entre o campo psicológico e a intervenção pedagógica

Desde 2001 venho oferecendo regularmente disciplinas na graduação para a área de Psicologia e Educação da FEUSP, ministrando disciplinas obrigatórias para os cursos de licenciatura e de pedagogia.

Gostaria de destacar o trabalho realizado na disciplina voltada para os cursos de licenciatura - “Práticas Escolares, Diversidade e Subjetividade” -, cujo programa é bastante abrangente e têm, como maior desafio, enfrentar e romper as resistências dos alunos ao campo da educação. Além de aulas expositivas sobre os pressupostos teóricos de autores clássicos como Piaget e Vygotsky, promovo, a partir da diversidade dos estudantes – oriundos de diferentes cursos -, e de suas experiências - como docentes ou como discentes-, debates sobre questões que emergem do cotidiano escolar, com o intuito de estudar diferentes maneiras de se trabalhar, na instituição escolar, a construção de conhecimentos relacionados à ética, à cultura e à afetividade.

Como essa disciplina prevê a realização de uma experiência empírica (equivalente a 20 horas de estágio) numa instituição escolar, a experiência significa, neste caso, desenvolver uma investigação que responda a um problema de pesquisa previamente elaborado pelo grupo de trabalho. A temática a ser investigada, definida por mim, está relacionada ao cotidiano escolar e à psicologia (indisciplina, fracasso escolar, violência, inclusão escolar, afetividade, sexualidade, sexismo/gênero na escola, etc.), e o trabalho deve ser realizado, necessariamente, numa escola pública. É um trabalho que demanda muita orientação em aula e fora dela, posto que, além de os estudantes desconhecerem as relações entre o campo psicológico e a intervenção pedagógica, a estrutura e o funcionamento de uma escola, trata-se de um trabalho que pressupõe diferentes etapas - revisão bibliográfica sobre a temática a ser estudada, elaboração dos objetivos e problema da pesquisa, elaboração do instrumento, coleta e análise dos dados e conclusões.

Para efeito de avaliação, além de apresentá-los em sala de aula no final do curso, o(a)s aluno(a)s devem elaborar um relatório de pesquisa. Apesar de exigir grande esforço por minha parte e por parte do(a)s aluno(a)s, julgo este trabalho de grande valia para a formação dos futuros licenciados, sobretudo por inseri-los no universo da pesquisa educacional.

No tocante à disciplina oferecida aos alunos do primeiro ano do curso de pedagogia – “Psicologia da Educação I: A capacidade cognitiva e a potencialidade humana para aprender”, seu foco está nos conceitos básicos da Psicologia do Desenvolvimento. Assim, os pressupostos das teorias piagetiana e vygotskiana são trabalhados com mais profundidade, especialmente no que

tange às relações entre aprendizagem e desenvolvimento, linguagem e pensamento, cognição e afetividade. Vale ressaltar que, desde a primeira vez que ofereci esta disciplina, apesar de ela não prever atividades de estágio, introduzi em seu programa o desenvolvimento de pesquisas, tal como na disciplina da licenciatura, por vê-la como instrumento valioso para desenvolver, nos estudantes, a disposição para analisar os complexos fenômenos do cotidiano escolar, bem como perceber as contribuições e os limites das teorias psicológicas.

No ano de 2002 propus o credenciamento de uma disciplina optativa para o curso de Pedagogia: “Temas Transversais em Educação”. Com isso, além de seguir ministrando disciplinas obrigatórias, em 2003 passei a dar aulas para o curso de Pedagogia oferecendo, também, uma disciplina optativa.

O principal objetivo da disciplina “Temas Transversais em Educação” é estudar o conceito de transversalidade na educação, dentro da concepção de que os conteúdos como a ética, a sexualidade, o meio ambiente e os sentimentos devem constituir o eixo vertebrador da estrutura curricular. A demanda para esta disciplina superou minha expectativa e seu oferecimento me exigiu muito preparo, uma vez que a arquitetura de seu programa, elaborado inicialmente para 30 alunos, teve que ser adaptada para mais de 60 alunos. De natureza interdisciplinar, o curso exigiu do(a)s aluno(a)s o estudo e a aplicação de metodologias de ensino que instrumentalizam os professores para uma ação pedagógica que integre os conteúdos escolares tradicionais (Ex: matemática, história, geografia, etc) aos conteúdos mais voltados para o cotidiano das pessoas (ex: ética, sexualidade, sentimentos, etc.).

Um recurso utilizado com frequência nessas três disciplinas é a confecção de um portfólio, que deve ser produzido individualmente, ao longo do curso. Podendo empregar diferentes linguagens - textos, resenhas, poesias, fotos, pinturas, sites, etc.-, o aluno deve compor seu portfólio com produções que denotem sua compreensão sobre cada uma das aulas. Trata-se, a meu ver, de um instrumento rico na medida em que exige dos estudantes uma maior reflexão e criatividade acerca dos assuntos tratados em sala de aula.

Também em 2002 tive aprovado o credenciamento da disciplina “Cognição, afetividade e educação” junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da FEUSP, o que me permitiu oferecê-la pela primeira vez no segundo semestre do referido ano, com 17 alunos regulares, 2 alunos especiais e 4 alunos ouvintes. Partindo de teorias da complexidade e dos Modelos Organizadores do Pensamento, tal disciplina enfoca concepções teóricas e epistemológicas que

buscam integrar na mesma perspectiva os aspectos cognitivos, afetivos e culturais presentes no funcionamento psíquico humano.

Ainda em 2002, coordenei a produção do material pedagógico de um módulo e ministrei aulas em 3 módulos do PEC – Formação Universitária, programa de formação continuada oferecido por meio de convênio estabelecido entre a Universidade de São Paulo e a Secretaria Estadual de Educação, para professores da rede pública de ensino.

Assim, do ponto de vista da docência, logo nos 2 primeiros anos como professora da FEUSP (2001 – 2003) havia ministrado aulas na Licenciatura, na Pedagogia, em cursos de extensão e na Pós-graduação, completando um importante ciclo de experiências para minha vida profissional.

O incentivo à publicação e à pesquisa, o apoio ao intercâmbio com universidades estrangeiras e à participação em congressos científicos internacionais, e a possibilidade de desenvolver disciplinas e atividades docentes coerentes com meus interesses de pesquisa mostraram o acerto de minha opção em investir na Universidade de São Paulo. A forma como acredito deve funcionar uma universidade preocupada com a produção de conhecimentos, inovadora e crítica, que eu não encontrei nas 3 universidades privadas por onde passei durante 6 anos, encontrei em 2 anos de trabalho na FEUSP.

Contratada no regime de RTP em caráter de substituição, em Dezembro de 2003, por meio de processo seletivo, finalmente ingressei no regime de RDIDP. Numa situação mais confortável, somado às boas condições de trabalho oferecidas pela Universidade de São Paulo, passei a ter um salário mais justo. O ano de 2004 era, para mim, o início de um novo período como docente em regime de dedicação integral à docência e à pesquisa. Tratava-se de um período marcado por uma enorme expectativa e desejo de criar e trilhar novos caminhos, abrir novas perspectivas de trabalho, enfrentar novos desafios...

Entre os anos de 2004 e 2007 continuei ministrando regularmente aulas na graduação – obrigatória e optativa -, e na pós-graduação da FEUSP.

Sobre a disciplina oferecida aos estudantes da Pós-Graduação – Cognição, Afetividade e Educação -, vale ressaltar a boa receptividade que ela tem na FEUSP (oferecida com regularidade e contando com aproximadamente 20-25 alunos). Considerando a diversidade do público e de seus percursos formativos - filosofia, psicologia, física, arte, sociologia, matemática, história, etc-, para além das discussões conceituais sobre a temática proposta, este curso me permite problematizar as pesquisas que desenvolvo, visando uma maior articulação de minhas atividades de pesquisa e

docência, ao mesmo tempo que permite aos estudantes repensarem os espaços, tempos e relações escolares, consentânea a uma perspectiva que integra afetividade, cognição e educação.

Nesse sentido, a cada semestre revejo os programas dos cursos que ofereço, introduzo novos temas, dinâmicas e bibliografias, com o intuito de enriquecer o debate acadêmico e a formação dos estudantes. Trata-se, pois, de um movimento necessário, instigante e, sobretudo, difícil, já que pressupõe abrir mão de determinadas práticas já “consolidadas” e assumidas como as “melhores”.

Outro grande desafio que enfrentei na docência foi o convite para participar, na condição de professora visitante, do Programa de Doutorado "Psicología de la Comunicación: Interacción Social y Desarrollo Humano", da Faculdade de Psicologia da Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha). Nesse contexto, ministrei a disciplina "Epistemología, Metodología Social e Investigación Psicológica", obrigatória a todos os estudantes do primeiro ano do referido doutorado. Além de focar as metodologias qualitativas, foram conteúdos dessa disciplina temas relacionados às minhas pesquisas e ao campo da psicologia moral, mais especificamente às dimensões afetivas e cognitivas do funcionamento psíquico e suas interfaces com o campo da educação. Tratou-se de uma atividade que me exigiu enorme esforço na preparação das aulas e na busca de bibliografias recentes no referido campo de pesquisa, o que convergiu para um maior enriquecimento de meus estudos. Estive como professora visitante nessa instituição por 4 anos (2006 a 2009).

A vida como pesquisadora: a descoberta de um novo caminho profissional

É interessante perceber as incertezas e indeterminações na nossa própria vida. Ao fazer o curso de Psicologia em uma universidade privada raramente temos contato com o mundo da pesquisa científica, a não ser pela leitura de artigos acadêmicos. Ou seja, conhecemos a pesquisa como consumidores e não como possíveis produtores de conhecimento. Como já enfatizado, o maior foco dado na formação em Psicologia é a área clínica.

Não passava por meus objetivos iniciais tornar-me pesquisadora, mas os caminhos profissionais foram se abrindo e, lentamente, sabendo lê-los de forma adequada, fui percebendo que nessa perspectiva encontrava-se minha realização pessoal e profissional. Mas tenho que admitir que esse processo foi construído muito mais pelo acaso do que por uma decisão

intencional. Juntamente com o encaminhamento profissional para o ensino superior, o perfil de pesquisadora foi se consolidando durante os últimos anos.

Retornando ao Brasil no segundo semestre de 1996 após o primeiro semestre de créditos na Universidade de Barcelona, perdi todos os meus vínculos profissionais deixados na cidade de São Paulo pois voltei a viver em Campinas (SP). Queria trabalhar, mas minha situação era complicada uma vez que em janeiro voltaria para Barcelona.

Lendo cartazes nos corredores da Unicamp, encontrei anúncio de procura de pesquisadores para trabalhar em uma investigação do *CEDES - Centro de Estudos Educação e Sociedade*. Após entrevistas e um processo seletivo, fui contratada para trabalhar como Supervisora de Campo da pesquisa “Estudo das competências básicas da população jovem e adulta”, apoiada pelo CNPQ, FINEP e FUNDAÇÃO FORD, e realizada nas cidades de Campinas-S.P. e Rio de Janeiro- R.J.

De forma casual, portanto, este foi meu primeiro contato real com o universo das pesquisas científicas. Era uma investigação enorme e durante esse semestre tive a oportunidade de supervisionar o trabalho de 18 pesquisadores que, em toda a cidade de Campinas, entrevistaram mais de 4.000 pessoas. Essa foi, sem dúvida, uma experiência relevante, que me levou a conhecer um pouco do mundo acadêmico e que me ofereceu experiências que se refletem em meu trabalho até os dias atuais.

Nos anos seguintes, de 1997 a 2000, o foco principal de minhas pesquisas foi vinculado ao doutorado que realizava na Universidade de Barcelona. Assim que, nesse período, desenvolvi as duas pesquisas anteriormente mencionadas: “Modelos organizadores na resolução de dilemas morais: um estudo intercultural com estudantes brasileiros e catalães” e “Estados de ânimo e os modelos organizadores do pensamento: um estudo exploratório sobre a resolução de conflitos morais”.

Em 1999, no entanto, integrei-me como pesquisadora principal no projeto de pesquisa “Autonomia moral e a construção de uma escola democrática”, desenvolvida junto à EMEF Luíza Carvalho Pires, do município de Porto Feliz, entre 1999 e 2001. Essa pesquisa contou com financiamento da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo -, e foi outra rica experiência de que participei.

Buscando compreender e promover o processo de democratização de uma escola pública, juntamente com outros 8 pesquisadores, atuei na formação continuada de professores, acompanhando a implementação dos chamados temas transversais no cotidiano das salas de aula

e, principalmente, auxiliando-os na inserção dos sentimentos e emoções como objetos de conhecimento no dia a dia das salas de aula. Foi a primeira oportunidade que tive de desenvolver uma pesquisa que levava para o cotidiano escolar caminhos pedagógicos e didáticos que vinha desenvolvendo nos últimos anos, a partir dos estudos realizados na Universidade de Barcelona.

Os resultados desse trabalho permitiram que eu publicasse um capítulo de livro no Brasil⁷ e os apresentasse em congressos científicos no Brasil em 2002 (Endipe, Anped e Congresso Brasileiro de Psicologia) e na Espanha, em 2003.

Uma vertente dos estudos sobre sentimentos e emoções vincula-se à temática dos estudos sobre gênero. Isso porque a afetividade foi estabelecida, culturalmente, como um conteúdo mais relacionado ao universo feminino e ao mundo privado. Preocupada com tais questões, em 2002 integrei-me ao projeto de pesquisa “Latin american public policies in education from gender perspective”, que foi desenvolvido em vários países da América Latina, como Brasil, Colômbia, Costa Rica, México e Peru, sob coordenação da Profa. Dra Nelly Stromquist (UCLA).

As primeiras ações dessa pesquisa geraram uma publicação em periódico internacional no ano de 2002 (“Taboo: the journal of culture and education”), e sua apresentação em congressos internacionais (Chile) e Brasil (“Seminário Internacional Gênero e Educação: educar para a igualdade”).

Em 2003 me foi lançado um novo desafio no campo da pesquisa, que foi possível de ser cumprido com a ajuda de minhas experiências construídas na pesquisa de 1996. A Comissão Central de Implantação da USP Leste, sob presidência da Profa. Dra. Myriam Krasilchik, convidou-me para coordenar a “Pesquisa de sondagem sobre cursos a serem implementados no campus Zona Leste da Universidade de São Paulo”. O tempo disponível era exíguo, de apenas 90 dias, e envolvia trabalhar com 12 pesquisadores-estagiários e uma amostra de 5.600 alunos e professores de ensino médio da cidade de São Paulo, distribuídos em escolas privadas e públicas, diurnas e noturnas, profissionais e regulares, em todas as regiões geográficas de São Paulo.

Consegui vencer o desafio e na primeira semana de maio de 2003 apresentei o relatório à reitoria da Universidade de São Paulo. Os resultados desse trabalho, apresentados nas diversas instâncias político-administrativas da Universidade de São Paulo, serviram como referência para definição dos cursos que seriam ofertados na nova unidade da USP.

⁷ Araujo, U.F. & Arantes, V. O cotidiano escolar e a construção de personalidades morais. In: Santos, G. & Silva, D. (orgs). *Estudos sobre ética: a construção de valores na educação*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002, v.1, p. 209-229.

Foi um trabalho estafante e estressante, por sua complexidade, responsabilidade e pouco tempo para realização, mas senti-me realizada como pesquisadora. Nesse trabalho, coordenei e realizei todas as etapas: definição das ementas dos futuros cursos; elaboração dos instrumentos de pesquisa; coordenação do trabalho de campo; acompanhamento dos processos de tabulação realizados pela FUVEST; e redação do relatório final com aproximadamente 800 páginas.

No início de 2004, com vistas à contratação em regime de dedicação integral à docência e à pesquisa, elaborei o projeto de pesquisa intitulado “Estados emocionais e os modelos organizadores do pensamento na resolução de conflitos éticos e de problemas lógico-matemáticos do cotidiano escolar”. A elaboração deste projeto nasceu do interesse em avançar na compreensão sobre o papel da afetividade no raciocínio humano, ao mesmo tempo que construir modelos educativos que integrem em seus pressupostos o papel da dimensão afetiva na complexidade da natureza psíquica, social e cultural do ser humano. Originou-se dos resultados de minha Tese de Doutorado e, dando continuidade àquela linha de pesquisa, seu principal objetivo foi investigar se o estado emocional do sujeito influencia, da mesma maneira, na elaboração de modelos organizadores aplicados na resolução de conflitos éticos e na resolução de problemas lógico-matemáticos do cotidiano escolar. A introdução dos conteúdos de natureza lógico-matemática na pesquisa deveu-se ao fato de serem tanto um conteúdo importante do cotidiano escolar, quanto por serem conteúdos mais “racionais” e de caráter mais cognitivo, o que, em teoria, solicitam menos mobilização afetiva em sua resolução.

Dada a quantidade e complexidade dos resultados desse estudo (estados emocionais e resolução de problemas lógico-matemáticos), eles foram apresentados em três eventos científicos internacionais⁸. Outros resultados desse mesmo estudo (referentes aos conflitos éticos), foram apresentados no “33rd Annual Conference of the Association for Moral Education”, celebrado na cidade de Nova York, entre os dias 15 e 17 de Novembro de 2007. Tais resultados corroboram a tese de que é necessário superar os paradigmas que postulam a existência de relações disjuntivas entre dois domínios mentais – cognitivo e afetivo.

Dando prosseguimento a esse trabalho, e apostando na fecundidade das pesquisas sobre o *continuum* entre as relações interpessoais, a resolução de conflitos, o raciocínio moral e a afetividade, para guiar as reflexões sobre o papel da afetividade no raciocínio humano, ao mesmo

⁸ First ISCAR Conference - International Society for Cultural and Activity Research (Sevilha – Espanha, 2004), 26th International Congress of Applied Psychology (Atenas – Grécia, 2006) e 37th Annual Meeting of the Jean Piaget Society (Amsterdam – Holanda, 2007).

tempo que construir modelos educativos que integrem em seus pressupostos o papel da afetividade na complexidade da natureza psíquica, em 2005 elaborei, em conjunto com pesquisadores da Universidade de Barcelona (Espanha), Universidade Politénica da Catalunya (Espanha), Universidade de Granada (Espanha), Universidade de Massachusets (EUA) e Universidade de São Paulo (Brasil), o projeto de pesquisa “Os significados cognitivos e afetivos na resolução de conflitos interpessoais: Um estudo na perspectiva dos Modelos Organizadores do Pensamento”. O referido projeto foi aprovado pela Dirección General de Investigación del Ministério de Educación y Ciencia de España e financiado pelo referido órgão⁹.

Com o objetivo de ampliar os estudos e as reflexões sobre o *continuum* entre as relações interpessoais, a resolução de conflitos, o raciocínio moral e a afetividade, a pergunta que orientou o referido projeto foi: Como se dão as redes de relações estabelecidas entre as vertentes externas do conflito (fatos e comportamentos manifestos) e internas (pensamentos, sentimentos, desejos e estratégias utilizadas em sua resolução), das pessoas envolvidas na situação?

A partir da problemática e dos objetivos dessa investigação, iniciei o referido projeto no transcorrer de 2005 e no final do mesmo ano estava com todos os dados referentes à amostra brasileira coletados.

Tendo em vista o andamento e o momento em que a pesquisa se encontrava, ponderei que a realização de um estágio pós-doutoral na cidade de Barcelona (Espanha) seria uma oportunidade excepcional de estreitar os laços de pesquisa que vinha estabelecendo com pesquisadores espanhóis nos últimos anos. Decidi, então, pleitear uma bolsa de pós-doutorado junto à Fapesp. Tal bolsa me foi concedida e em Março de 2006 fui para Barcelona. O estágio teve duração de 5 meses (entre os meses de Março e Julho de 2006), e foi um período muito produtivo e enriquecedor.

Durante o período que estive em Barcelona participei regularmente de reuniões e seminários promovidos por três diferentes grupos de pesquisa: um deles liderado pelas Profas. Aurora Leal e Núria Silvestre, ambas da Faculdade de Psicologia da Universidade Autônoma de Barcelona; outro liderado pelas Profas. Genoveva Sastre e Montserrat Moreno, junto ao Laboratório de Processos Cognitivos da Faculdade de Psicologia da Universidade de Barcelona; e o terceiro liderado pelos Profs. Josep Puig e Xus Martín, da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Barcelona.

⁹ SEJ004-07465/PSI.

Os seminários e reuniões de estudos coordenados pelas Profas. Aurora Leal e Núria Silvestre foram ricos momentos de intercâmbios, discussões e aprendizagens. As críticas e sugestões dos diferentes membros desse grupo – docentes e estudantes de doutorado -, aos meus trabalhos de pesquisa permitiram-me avançar no estudo de diferentes perspectivas metodológicas empregando a teoria dos Modelos Organizadores.

No Laboratório de Processos Cognitivos da Faculdade de Psicologia da Universidade de Barcelona mantive contato com as professoras Genoveva Sastre e Montserrat Moreno. As atividades desenvolvidas no referido laboratório permitiu-nos analisar conjuntamente grande parte dos dados da pesquisa antes mencionada - “Os significados cognitivos e afetivos na resolução de conflitos interpessoais: Um estudo na perspectiva dos Modelos Organizadores do Pensamento”. Com os primeiros resultados escrevemos um artigo – “Violencia contra las mujeres: significados cognitivos y afectivos en las representaciones mentales de adolescentes”-, que foi publicado em Março de 2007 na Espanha. Nesse artigo¹⁰, centramo-nos na amostra de adolescentes. Tal trabalho foi apresentado durante evento científico da Sociedade Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento¹¹, no Brasil.

Em Junho de 2007 solicitei uma bolsa de estudos à Fundación Carolina (entidade vinculada ao Governo Espanhol), junto ao Programa “Formación Permanente – Movilidad profesores universidades públicas brasileñas”, que apoia atividades de pesquisas a serem desenvolvidas por professores de universidades públicas brasileiras em universidades espanholas. Tal bolsa me foi concedida e durante os meses de Dezembro/2007 e Janeiro/2008 estive em Barcelona, realizando atividades de pesquisa, no contexto dos projetos que desenvolvia. Nesse período, ampliando a amostra do estudo antes citado, bem como aprofundando a análise dos seus dados, produzimos outro artigo, publicado no Brasil em 2010¹².

Ora, se no plano social a violência contra as mulheres é uma transgressão aos direitos humanos (e finalmente tipificada de delito em nosso país), não podemos ignorar que, do ponto de vista psicológico, parece comportar a elaboração de vínculos afetivos dentro de uma estrutura de casal em que se dá uma anômala relação entre amor e domínio. É o que ilustramos nos trabalhos desenvolvidos.

¹⁰ SASTRE, G. V. ; ARANTES, V. A.; GONZÁLEZ, A. "Violencia contra las mujeres: significados cognitivos y afectivos en las representaciones mentales de adolescentes". *Infancia y Aprendizaje*, v. 30, p. 197-214, 2007.

¹¹ VI Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento (Vitória – E.S, 2007).

¹² ARANTES, V. A.; SASTRE, G.; GONZALES, A. “Violência contra a mulher e representações mentais: Um estudo sobre pensamentos morais e sentimentos de adolescentes”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (UnB), v.26, p.109-120, 2010.

Nesse sentido, destaco alguns autores e autoras cujas produções tiveram grande influência na análise dos dados de minhas últimas investigações, nas produções de textos e, especialmente, na continuidade de uma linha de pesquisa: Benjamin (1996, 1997), Ferrer & Bosch (2002), Noam & Fischer (1996), Fischer (2000), Roca et al. (2005) e Velásquez (2003). Todos esse(a)s autore(a)s parecem postular, tanto do ponto de vista da investigação como da intervenção, uma continuidade entre a vertente social e individual da violência de gênero. Todos ele(a)s buscam, de alguma maneira, investigar os diferentes caminhos pelos quais o social se transforma em psiquismo. Essa busca norteou meus próximos trabalhos de pesquisa.

Voltando às atividades do pós-doutorado, com o terceiro grupo de pesquisa, o GREM - Grup de Recerca en Educació Moral -, coordenado pelos professores Josep Maria Puig e Xus Martín García, durante todo o estágio mantive contato semanalmente com ele e nossas ações estiveram mais voltadas para o campo da educação, em especial para a educação em valores.

Para além de um projeto pontual na escola ou de alguma disciplina que sistematize o seu estudo, acredito que a educação em valores requer iniciativas que instiguem a participação democrática dos estudantes e um maior compromisso com a comunidade.

Assumindo tal perspectiva e partindo do meu interesse pelas questões de gênero (já contemplado em minhas investigações), decidi investir em projetos que contribuíssem para a prevenção das desigualdades e discriminações de gênero, colocando em evidência fatores de caráter psicológico que têm papel fundamental na aceitação e passividade da mulher frente à discriminação.

Para tanto, elaborei um novo projeto de pesquisa/intervenção: “Educação comunitária e a construção de valores de democracia e de cidadania: questões de gênero na resolução de conflitos interpessoais”. Tal projeto, financiado pela Fapesp¹³, teve como principal objetivo investigar como a ampliação dos espaços educativos, incorporando os recursos da cidade e prioritariamente do entorno da escola no desenvolvimento de projetos que contemplem a comunidade como espaço de aprendizagem, pode levar à uma educação assentada em valores éticos e democráticos.

Nesse projeto assumimos como pressuposto o desenvolvimento de projetos educativos que levassem: a) à compreensão dos fundamentos da ética, dos direitos humanos, particularmente na igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres e nas formas democráticas de resolução de seus conflitos, e de como seus princípios e normas podem ser

¹³ Processo 2006/53308-9.

trabalhados no cotidiano das escolas e da comunidade; b) à introdução no dia a dia das escolas (em seu currículo) e da comunidade de trabalhos sistemáticos e intencionais sobre valores concernentes aos eixos dessa pesquisa.

Iniciado em Janeiro de 2007, o referido projeto foi desenvolvido na “EMEF João Ramos Pernambuco Abolicionista”, na zona norte da cidade de São Paulo. Tal escola foi selecionada dentre as mais de 150 que participaram de um curso de extensão oferecido pela USP (do qual participei) durante o ano de 2006 e que teve como foco a formação do “educador comunitário”.

Mais que um desafio, o desenvolvimento desse projeto foi fonte de muitas inquietações e muitos questionamentos. O alto índice de violência entre os alunos e entre estes e seus professores, a eterna tensão entre a direção e os docentes, a apatia dos alunos, o desânimo dos professores, as más condições de trabalho (oferecidas aos alunos e aos professores), a ausência constante dos profissionais, enfim, o mal-estar que recai sobre a escola pública, obrigaram-me a questionar constantemente sobre tal instituição e, é claro, redirecionar as ações da pesquisa.

Esse projeto foi concluído em 2008 e seus resultados foram publicados em um artigo¹⁴ numa revista estrangeira - *Temp's d'educació*. Também foram apresentados em 3 eventos científicos¹⁵, sendo um no Brasil, um nos Estados Unidos e outro na Holanda.

Concluído esse projeto, que me permitiu estudar as relações entre sentimentos e valores dos jovens que dele participaram, aproximamo-nos do conceito de *purpose* (que pode ser traduzido como “projeto vital”), que vem sendo estudado de forma sistemática em pesquisas interdisciplinares pelo Prof. William Damon, um dos mais importantes pesquisadores no campo da Psicologia e da Educação Moral, professor na *Stanford University School of Education*, e Diretor do *Stanford University Center on Adolescence*.

Durante o primeiro semestre de 2008 tive a honra e o prazer de trabalhar com Damon, quando realizei estágio na Universidade de Stanford, na qualidade de professora-visitante. O trabalho desenvolvido em Stanford foi fonte de três novos projetos de pesquisa que comecei a desenvolver em 2009 e que foram concluídos em 2012¹⁶.

¹⁴ ARANTES, V. A. & ARAUJO, U.F. *Aprenentatge de resolució de conflictes de genere a l'escola: Una experiència d'educació moral*. *Temps d'Educació*, v.39, p.107-124, 2010.

¹⁵ Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder (Florianópolis – SC, 2008), 34th Annual Meeting of the Association for Moral Education (South Bend – Indiana, 2008) e 35th Annual Meeting of the Association for Moral Education (Utrecht - Netherlands, 2009).

¹⁶ Estes projetos foram desenvolvidos de forma articulada e complementar a outros projetos coordenados pelo Prof. Ulisses Araújo (Universidade de São Paulo), além de várias Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado orientadas por mim e pelo Prof. Araújo.

O objetivo central de tais projetos¹⁷, complementares, financiados pelo CNPq¹⁸ e Fapesp¹⁹, foi avançar no estudo sobre as relações entre cognição e afetividade nos valores e projetos de vida da juventude brasileira, bem como nos processos psicológicos que levam o ser humano (e de forma específica os jovens) a construir valores morais que almejem a realização de projetos significativos para o *self*, com conseqüências para o mundo que extrapola o *self* (*purposes*). Além disso, assumimos como objetivo, também, estudar e desenvolver novas perspectivas e modelos para uma educação que promova a ética, a cidadania, e que levem os jovens a construir projetos vitais (*purposes*) significativos para eles e para a sociedade na qual vivem.

Nesses projetos adotamos a teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento (Moreno et al, 1999) como referencial teórico metodológico. De forma específica, esses projetos tiveram os seguintes objetivos:

- Identificar e analisar os Modelos Organizadores do Pensamento – com suas dimensões afetivas e cognitivas -, subjacentes aos projetos vitais (*purposes*) de jovens brasileiros;
- Identificar possíveis relações entre os valores e projetos vitais (*purposes*) de jovens brasileiros e seus sentimentos e emoções;
- Estudar modelos psicológicos de organização do pensamento de jovens brasileiros, ampliando as reflexões sobre o *continuum* entre as dimensões afetivas e cognitivas na construção de identidades morais da juventude.

Com um desses projetos – “O papel dos sentimentos e emoções nos projetos de vida (*purposes*) dos jovens: Um estudo na perspectiva dos Modelos Organizadores do Pensamento” -, fui contemplada, em 2009, com a Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq²⁰.

Para além das dificuldades e complicações que projetos dessa dimensão nos trazem (lembramos que foram coletados dados nas cinco regiões geopolíticas do Brasil, além das variáveis

¹⁷ O que diferencia esses projetos é a composição da amostra: no primeiro, trabalhamos com jovens paulistanos, estudantes do Ensino Médio; no segundo, trabalhamos também com estudantes do Ensino Médio, mas representando as cinco regiões geopolíticas do Brasil; no terceiro, trabalhamos com estudantes universitários das cinco regiões geopolíticas do Brasil.

¹⁸ Edital MCT - Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas - Proc: 400836/2009-2

¹⁹ Auxílio à Pesquisa – Proc: 09/51393-7

²⁰ Bolsa Produtividade PQ 2009-2012 (309017/2008-4)

gênero e rede de ensino), desenvolvê-los foi um grande desafio teórico e metodológico. Afinal, tratava-se de uma temática (projetos de vida) pouco explorada nas nossas pesquisas e no campo da psicologia, além da necessidade de se buscar novos instrumentos e inovações na análise dos dados.

No âmbito desses projetos, foram realizadas quatro visitas à Universidade de Stanford e 2 visitas à Universidade de Barcelona, entre os anos de 2010 e 2012, ocasião em que o desenvolvimento das pesquisas e análise dos dados foram discutidos com o Prof. Damon e as Profas. Genoveva Sastre e Montserrat Moreno (autoras da teoria dos Modelos Organizadores).

Apesar de termos concluído esses projetos recentemente, seus dados preliminares foram apresentados em 2 congressos internacionais e 5 congressos nacionais²¹, com conseqüentes publicações nos Anais desses eventos. Além desses, outros três trabalhos²² serão apresentados no período de 08 a 10 de Novembro de 2012, na “38th Annual Meeting of the Association for Moral Education”, organizado pela Association for Moral Education, na cidade de San Antonio, Texas (Estados Unidos).

Com os diferentes resultados obtidos nessas pesquisas, atualmente estamos em fase de conclusão de dois artigos²³: um deles será enviado para a Revista *Psicologia: Reflexão & Crítica* (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e outro para a Revista *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (Universidade de Brasília).

Além desses, dois outros artigos foram produzidos para o Special Section on International Perspectives on Youth Purpose of the *Journal of Youth Development*, a convite da Profa. Jennifer Menon Mariano, da University of South Florida, e deverão ser publicados em 2013. O primeiro artigo recebeu o título de *Youth purpose and life goals of students engaged in community and social activities*²⁴ e o segundo *Feelings and emotions in youth's purpose*²⁵.

²¹ 37th Annual Conference Association for Moral Education (Nanjing – China, 2011); First World Congress on Positive Psychology (Philadelphia, - Pennsylvania, 2009); II Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral (Campinas – SP, 2011); IV Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira (Belo Horizonte – MG, 2010); VIII Encontro de Pesquisas em educação da região Sul – Anped (Londrina – PR, 2010); IX Encontro de Pesquisas em Educação da Região Sudeste (São Carlos – SP, 2009); II Seminário Internacional sobre Cultura, Imaginário e Memória da América Latina (Curitiba- PR, 2009).

²² Affective aspects influencing youth's purpose and moral reasoning (Paper), Identifying purpose and pro-social orientation of life goals in Brazilian college students (Paper) e Life projects and school: The perception of high school students about the contribution that school experiences can bring to their projects (Pôster).

²³ Valores, sentimentos e projetos de vida de jovens brasileiros (Arantes, V. & Pinheiro, V.) e Os projetos de vida dos jovens e sua dimensão afetiva. (Párraro, C. S. & Arantes, V.).

²⁴ De autoria de Araujo, U.F.; Arantes, V.; Klein, A. M.; Grandino, P. J.

²⁵ De autoria de Arantes, V.; Araujo, U.F; Pinheiro, V.

Os resultados destas pesquisas, articulados com aqueles obtidos nos demais projetos e estudos complementares, serão organizados em duas outras publicações: um livro, a ser publicado pela editora Summus, cujo título provisório é “Projetos de vida da juventude brasileira”; um artigo, que também versará sobre projetos de vida da juventude brasileira, e que deverá ser submetido à Revista *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação* (Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto). O livro, que nos permitirá trazer em maior número de páginas toda a complexidade dos diversos estudos realizados nos últimos 3 anos, tem como proposta, a partir dos resultados das diversas pesquisas mencionadas, sintetizar a discussão conceitual sobre juventude no Brasil e o significado que ter projetos de vida pode ter tanto para se compreender o momento atual dos jovens das várias regiões brasileiras, seus valores, desejos e perspectivas de vida futura, quanto para se pensar em modelos educativos que reforcem a importância de ajudar os jovens a encontrar projetos vitais pautados em princípios de ética, democracia e cidadania e a busca da felicidade “eudemônica”. O artigo mostrará a articulação dos dados do Survey realizado em todo o país²⁶ e que empregou diversas escalas que identificam os projetos de vida e valores dos jovens; e os sentimentos e emoções que sustentam os projetos de vida, identificados em nossas pesquisas.

Paralelamente à produção destes textos, iniciei um novo projeto de pesquisa²⁷, intitulado “Felicidade e Projeto de vida (purpose) de jovens brasileiros: Um estudo na perspectiva dos Modelos Organizadores do Pensamento” e articulado com três grandes projetos de pesquisa: “Projetos de vida de jovens brasileiros e a busca por Bem-estar e felicidade: Um estudo de educação e cidadania”, coordenado pelo Prof. Ulisses F. Araújo, da Universidade de São Paulo; “Youth Purpose Project”, coordenado pelo Prof. William Damon a partir do Stanford Center on Adolescence, da Stanford University; e o “EHHI - Eudaimonic and Hedonic Happiness Investigation”, coordenado pela Profa. Antonella Delle Fave, da University of Milano, e atualmente desenvolvido em 15 países diferentes.

Continuidade natural dos meus trabalhos anteriores, iniciamos este projeto, a ser desenvolvido no período de 3 anos, com o objetivo explícito de investigar junto a jovens brasileiros os modelos organizadores do pensamento subjacentes às relações entre seus projetos de vida e o significado de felicidade. Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos gerais: avançar no estudo sobre os processos psíquicos subjacentes ao *Bem-estar*, com foco específico no significado de Felicidade; identificar e analisar as relações existentes entre projetos de vida e o

²⁶ Projeto coordenado pelo Prof. Ulisses Araújo.

²⁷ Bolsa produtividade PQ 2012-2016 (308745/2011-6).

significado de *Felicidade* para a juventude; estudar e desenvolver novas perspectivas e modelos para uma educação que promova a ética, a cidadania e que levem os jovens a construir projetos de vida (*purpose*) nobres, significativos para eles e para a sociedade na qual vivem, dentro da concepção de *Eudemonia*. Com este novo projeto, novos desafios (teóricos e metodológicos) surgirão e, com eles, esperamos abrir novas possibilidades e novos caminhos para as pesquisas acerca do papel dos sentimentos e das emoções nos projetos de vida da juventude, da moralidade humana e, ainda, dos processos educativos voltados para os jovens.

Paralelo a esses projetos, em 2008 passei a compor a equipe de 9 pesquisadores brasileiros, de 4 estados e 5 instituições diferentes, que iniciou o desenvolvimento da pesquisa “Projetos bem sucedidos de Educação Moral: em busca de experiências brasileiras”. Financiado pelo CNPq, sob coordenação da Profa. Maria Suzana Stefano Menin, da UNESP, esse projeto levantou boas experiências de educação moral que vem sendo desenvolvidos em todo o território nacional.

Por fim, influenciada pelos estudos no exterior e novos caminhos que vêm sendo abertos no campo da moralidade, desde 2007 passei a integrar um grupo multidisciplinar que apresentou à Fapesp um projeto de investigação na área de neurociências, o Cinapce – Cooperação Interinstitucional de Apoio a Pesquisas sobre o Cérebro. O projeto é resultado da colaboração entre mais de trinta grupos de pesquisas da Unicamp, USP – São Paulo, USP – São Carlos, USP – Ribeirão Preto e Unifesp. Após vários anos de tramitação, o projeto foi finalmente aprovado pela Fapesp em 2007 (www.cinapce.org.br).

Nesse programa, participo do curso “Ética, valores e saúde na escola”, que iniciou-se em Julho de 2010 nas cidades de São Paulo, Campinas, São Carlos e Ribeirão Preto. Ele está inserido no Projeto “Education and Social Interaction (EaSI)” aprovado pela Fapesp no âmbito do Cinapce, em desenvolvimento desde 2008.

O Programa pretende contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas portadoras da epilepsia, promovendo ações no ambiente escolar que levem à superação de crenças inadequadas e preconceitos, e ações de formação ética e cidadã da comunidade escolar. Para isso, pretende oferecer aos professores acesso aos avanços da pesquisa acadêmica e científica sobre a epilepsia e a neurociências, bem como suas possibilidades de tratamento e convivência, e instrumentalizar os profissionais da educação para que promovam no cotidiano das escolas ações de formação ética, que visem à cidadania e ao respeito à diversidade humana, com foco em temáticas de saúde.

Sua implementação ocorreu por meio de curso de especialização (no qual atuei como vice-coordenadora) com 460 horas/aula oferecido pela Universidade de São Paulo, com apoio da UNIVESP – Universidade Virtual do Estado de São Paulo, para 350 professores de educação básica. Seu desenvolvimento, focando também pesquisas que buscam promover inovações na formação profissional, articula o uso de diferentes tecnologias, linguagens e procedimentos metodológicos na educação, em formato semi-presencial. Na parte de tecnologias e linguagens, fazem parte da proposta o uso da televisão, com programas produzidos pela TV Cultura; a internet e vídeo-aulas, difundidas em um Ambiente Virtual de Aprendizagem baseada na plataforma Moodle. Na parte presencial, utiliza os pressupostos da Aprendizagem Baseada em Problemas e por Projetos (ABPP) na organização das relações entre ensino e aprendizagem. O início da pesquisa ocorreu com a aplicação de um questionário, respondido por todos os alunos do curso, em julho de 2010, antes de seu início e, também, durante e após seu desenvolvimento.

Com esse trabalho, de que participam professores de várias áreas do conhecimento, estudamos tanto a questão da diminuição do estigma e preconceito por parte dos professores participantes, quanto o impacto dessas tecnologias e linguagens na construção de novas estratégias para a formação profissional, visando `a melhoria da qualidade do ensino bem como `a ampliação do acesso ao conhecimento produzido nas universidades públicas.

Em 2011 o curso “Ética, valores e saúde na escola” foi adaptado para atender demandas da UNIVESP e focar mais em temáticas de cidadania. Assim, teve 80% de seu conteúdo mantido e re-oferecido para 1.000 professores de Educação Básica de São Paulo de 12 municípios, com o nome de “Ética, valores e cidadania na escola”. Em Agosto de 2012 iniciamos uma nova edição desse curso, para mais 1.000 professores de educação básica de 12 diferentes cidades do Estado de São Paulo.

A experiência desses 3 cursos mencionados, que articula conhecimentos “tradicionais” em educação com o uso de novas tecnologias e novas formas de organizar a relação com o conhecimento escolar, levou à proposta para o edital da Pró-Reitoria de Pesquisa da USP para criação de NAPs – Núcleos de Apoio a Pesquisa. Concorrendo com mais de 100 grupos de pesquisa da USP, o grupo do qual faço parte foi aprovado e estamos, neste momento, instituindo o Núcleo de Pesquisa Novas Arquiteturas Pedagógicas. Sou uma das pesquisadoras principais dessa equipe composta por 19 docentes da Faculdade de Educação e da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, e a partir deste momento as pesquisas sobre novas formas de se conceber e organizar a educação será um dos focos principais de meu trabalho como pesquisadora.

Todos esses projetos tem sido, para além da construção de conhecimentos, instrumentos para a formação de novos pesquisadores. Isso porque tenho incentivado meus alunos (de graduação e de pós-graduação) a participarem ativamente do seu desenvolvimento. Em todos eles contei com a colaboração de aluno(a)s de graduação e de pós-graduação.

A partir de 2003, conforme mencionado anteriormente, comecei a orientar alunos da pós-graduação, nível mestrado. A partir de 2007, com Dissertações de Mestrado defendidas, pude assumir orientação de alunos de doutorado. As sete Dissertações de Mestrado defendidas sob minha orientação são:

- Krokosz, M. (2005) *Aids na escola: representações docentes sobre o cotidiano dos alunos e alunas soropositivos*. São Paulo: FE/USP. (bolsa CAPES).
- Klein, A.M. (2006). *Democracia e escola: um estudo sobre a representação dos professores*. São Paulo: FE/USP.
- Pupo, K. (2007). *Violência na escola: um estudo sobre a representação de alunos e alunas de escolas públicas e particulares*.
- Novak, F. H. (2008). *A construção de valores no ensino superior: um estudo sobre a formação ética de estudantes universitários*.
- Stach-Haertel, B. U. (2009). *A construção de subjetividades legitimadoras das desigualdades de gênero: Um estudo a partir da referencia da Psicologia e Educação*.
- Pinheiro, V. P. (2009). *A generosidade e os sentimentos morais: Um estudo exploratório na perspectiva dos Modelos Organizadores do Pensamento*.
- Bouças, S. R. S. B. (2011). *Valores e sentimentos subjacentes à discriminação racial: Um estudo na perspectiva dos Modelos Organizadores do Pensamento*.

As orientações de mestrado atualmente em andamento são:

- Danza, H. C. *O papel dos sentimentos na elaboração de projetos vitais (purposes) de jovens ligados voluntariamente a programas de responsabilidade social*. Início: 2011.
- Cauzzo, R. C. *Projetos de vida e educação em valores*. Início: 2012.

As três Teses de Doutorado já defendidas sob minha orientação são:

- Klein, A. M. (2011). *Projetos de vida e escola: a percepção de estudantes do ensino médio sobre a contribuição das experiências escolares aos seus projetos de vida.*
- Pátaro, C. S. O. (2011). *Sentimentos, emoções e projetos vitais da juventude: Um estudo exploratório na perspectiva da teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento.*
- Uller, W. (2012). *Experiências escolares dos jovens e seus projetos vitais: Um olhar a partir dos Modelos Organizadores do Pensamento.*

As orientações de doutorado atualmente em andamento são:

- Pinheiro, V. P. G. A construção da solidariedade: interfaces entre a Psicologia Moral e a intervenção educativa. Início: 2009.
- Stach-Haertel, B. U. *Projetos de vida, bem-estar, felicidade e os atributos reguladores.* Início: 2012.
- Gomes, Maria A. G. G. *A dimensão da felicidade nos projetos de vida dos jovens e as práticas educativas.* Início: 2012.
- Herrera, M. V. Los razonamientos morales sobre el valor de la vida humana en alumnos del nivel polimodal de la Provincia de Catamarca. Inicio: 2008.

Os referidos trabalhos, desenvolvidos sob minha orientação, refletem meu percurso acadêmico, contemplando estudos prioritariamente de Psicologia ou da intersecção da Psicologia e da Educação. Todos eles, porém, situam-se no marco geral dos trabalhos que estudam as relações entre cognição e afetividade na construção da moralidade humana. Tal construção pressupõe, na minha opinião, a problematização dos aspectos sociais, culturais e psicológicos presentes nas relações e nos conflitos interpessoais, com vistas ao desenvolvimento de ações educativas que previnam, identifiquem e atuem contra as exclusões, os preconceitos e as discriminações advindas das diferenças sociais, econômicas, psíquicas, físicas, culturais, religiosas, raciais, ideológicas e de gênero.

Como decorrência das pesquisas desenvolvidas, recebi alguns convites para ministrar conferências, no Brasil e no exterior, no âmbito de programas de pós-graduação. A seguir farei referência a algumas dessas conferências.

Em primeiro lugar, destaco a conferência – “Emotional States and Organizing Models of thought”, que ministrei em Novembro de 2002, a convite da Profa. Rheta de Vries, para docentes e alunos da pós-graduação da University of Northern Iowa.

Destaco, também, a mesa-redonda da qual participei, durante evento organizado pela “Xarxa catalana de educació en valors”, uma rede de pesquisadores de educação e psicologia moral de todas as universidades da Catalunha (Espanha), no período de 24 a 27 de Fevereiro de 2004. Tal rede realiza um encontro bianual, sempre com pesquisadores estrangeiros convidados e, em 2004, toda a programação do seminário esteve voltada para o tema dos sentimentos e afetos. A conferência por mim ministrada foi intitulada “Cognición, emoción y construcción de valores”.

Em Maio de 2004, a convite da Profa. Maria João Alvarez, estive na Universidade de Lisboa por uma semana, quando ministrei a conferência “Resolução de Conflitos e o Quotidiano Escolar”, junto ao Programa de Mestrado de Psicologia da Educação, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (Portugal). Nessa mesma viagem ministrei, também, a conferência “Educação dos Sentimentos”, no contexto da disciplina “Educação e Prevenção para o HIV/SIDA”, oferecida na mesma instituição.

Na Faculdade de Psicologia da Universidade de Barcelona, além de participar regularmente das “Jornadas de Investigación do Laboratório de Processos Cognitivos”, em Fevereiro de 2004 ministrei aulas sobre “Razonamiento Moral y Modelos Organizadores”, na disciplina “Resolución de Conflictos Interpersonales”, junto ao Programa de Doutorado “Cognición, Emoción y Representación Espacial”, do Departamento de Psicologia Básica.

Em 2006, durante o estágio pós-doutoral, ministrei duas conferências na Faculdade de Pedagogia da Universidade de Barcelona: “Afectividad y educación en valores”; “Resolución de Problemas, Prácticas de Ciudadanía e Aprendizaje Servicio”, durante “Seminário de Primavera da Xarxa de Educació en Valors” (o mesmo que participei em 2004).

Por fim, outra atividade realizada durante o estágio de pós-doutorado que gostaria de mencionar foram as aulas que ministrei na disciplina “Ámbitos de intervención en educación moral”, junto ao Programa de Doutorado “Educación y Democracia”, do Departamento de Teoría e História de la Educación. Nesse contexto trabalhei com os estudantes conceitos e dados de pesquisas relacionados aos aspectos emocionais no processo de construção de valores e suas implicações na resolução de conflitos interpessoais. Essas aulas, que contaram com a participação de alguns docentes do departamento, constituíram-se, também, em espaços de discussões sobre diferentes formas de se trabalhar os sentimentos e afetos na instituição escolar.

Novas perspectivas de intercâmbios também podem ser vislumbradas a partir de visitas que realizei nos últimos anos, em outras universidades estrangeiras. Em especial destaco as visitas realizadas na Universidade de Maastricht (Holanda) e na Universidade de Aalborg (Dinamarca), nos anos de 2004 e 2007. Também em 2007 visitei a Linköping University (Suécia) e a Sodertörns Högskola (também na Suécia). Tais visitas tiveram como principal objetivo aprimorar estudos que desenvolvo nos últimos anos sobre as novas concepções de ensino, aprendizagem e a produção de conhecimentos no Ensino Superior. Todas essas instituições têm em comum a perspectiva do trabalho com PBL (Problem Based Learning) em sua organização curricular, um eixo importante do projeto do Ciclo Básico da EACH (Escola de Artes, Ciências e Humanidades), do qual fui coordenadora por 4 anos (de 2004 a 2008). Mais adiante descreverei sobre minha atuação nessa nova unidade da USP.

Outro espaço que considero importante para a promoção de reflexões e debates sobre as pesquisas desenvolvidas nas diferentes áreas do conhecimento são as bancas examinadoras. Desde que me doutorei tive o prazer de participar de mais de 80 bancas de exames de qualificação e de defesas de mestrado e doutorado, processos de seleção da pós-graduação da FEUSP e, ainda, concursos para contratação de docentes. Trata-se de experiências relevantes e que muitas vezes nos levam a questionar os “rumos” tomados em nossas pesquisas e estudos. Destaco, também, a participação que tive em bancas de Doutorado na Universidade de Barcelona: 2 na Faculdade de Pedagogia e 2 na Faculdade de Psicologia.

Enfim, junto com a docência no ensino superior, a vida de pesquisadora passou a ser meu grande foco de interesses. Como afirmei no início desse tópico, esse era um tema que não fazia parte de meus planos profissionais, mas lentamente fui me identificando com essa perspectiva de trabalho. Desde 1996 estou envolvida com diferentes pesquisas, com resultados que foram publicados e apresentados no Brasil e no exterior. A pesquisa me satisfaz, me realiza e fazê-la é, para mim, projeto acadêmico e projeto de vida.

As publicações decorrentes das ações docentes e de pesquisa

A conseqüência mais visível dessa trajetória profissional construída sobre a docência e sobre as atividades de pesquisa está relacionada ao campo das publicações e apresentações de trabalhos em congressos e eventos científicos e acadêmicos.

Tendo como eixo principal de toda a minha formação e atuação profissional o tema da afetividade, e suas relações com a Psicologia e a Educação, nas mais diferentes perspectivas, acredito que desenvolvi nesses últimos anos uma produção considerável. A maioria dessa produção, no entanto, ocorreu nos últimos 9 anos, após ingressar no regime de RDIRP.

Para melhor visualização dos dados quantitativos, apresentarei a seguir um quadro-resumo de tais publicações. Algumas delas já foram comentadas no transcorrer deste memorial e as informações detalhadas podem ser encontradas no anexo do mesmo.

TIPO DE PUBLICAÇÃO	QUANTIDADE
1. Artigos completos publicados em periódicos internacionais	06
2. Artigos completos publicados em periódicos nacionais	04
3. Artigos aceitos para publicação	02
4. Livros publicados/organizados ou edições	15
5. Capítulos de livros publicados no exterior	06
6. Capítulos de livros publicados no Brasil	10
7. Trabalhos completos publicados em Anais de congressos internacionais	09
8. Trabalhos completos publicados em Anais de congressos nacionais	12
9. Resumos de trabalhos publicados em Anais de congressos internacionais	18
10. Resumos de trabalhos publicados em Anais de congressos nacionais	16
11. Materiais didáticos	09
12. Prefácio de livros	12
13. Resenhas de livros publicadas em periódicos	01

Existem algumas publicações, no entanto, sobre as quais gostaria de tecer comentários, por serem de grande relevância para meu trabalho.

A primeira delas é a organização do livro “Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas”, publicado pela Summus Editorial e lançado em Outubro de 2003. Tal livro foi pensado durante a preparação de minha disciplina para a pós-graduação da FEUSP, no final de 2002, ao constatar a falta de bibliografia acadêmico-científica em português sobre o tema da afetividade na educação.

Embora existam muitos trabalhos no mercado editorial que falam de afetividade, são poucos aqueles elaborados a partir de pesquisas e reflexões científicas. Contando com a contribuição de 13 pesquisadores brasileiros e estrangeiros, de diferentes campos do conhecimento, em seus 11 capítulos, a obra foi dividida em 3 blocos.

Para além do prazer e da satisfação, produzir livros que promovessem verdadeiros debates acadêmicos, diálogos que trouxessem diferentes olhares (e dessem visibilidade às convergências e divergências) acerca de uma mesma temática, parecia-me um caminho profícuo para a construção de novos conhecimentos.

Com esse intuito, em 2005 a Editora Summus aceitou um projeto de minha autoria para publicar uma nova coleção. Nomeada de *Pontos e Contrapontos*, seu objetivo é publicar livros que confrontem diferentes perspectivas sobre temáticas candentes no campo da educação, com a participação de profissionais reconhecidos academicamente em sua área de atuação. Foi pensada, portanto, para trazer ao âmbito educacional o debate e o diálogo sobre questões do universo educacional. Mais ainda, para contribuir para a compreensão e para a redefinição das fronteiras estabelecidas entre os campos de conhecimento que sustentam as pesquisas e as práticas educacionais.

Com esse espírito, os livros da coleção *Pontos e Contrapontos* são escritos a seis mãos e em três etapas diferentes e complementares, que podem levar até um ano para sua produção. Trata-se, pois, de um processo que exige dos autores – eu e mais dois convidados –, desafios de considerável complexidade.

Estabelecido o tema do diálogo, de comum acordo entre os dois autores, na primeira etapa cada um deles produz um texto que apresenta e sustenta seu ponto de vista. Esse texto é passado ao parceiro de diálogo que, após a leitura atenta e crítica das idéias e pressupostos apresentados, formula algumas perguntas para pontuar e contrapor o texto que lhe foi entregue. Como segunda etapa de produção do livro, cada autor responde às perguntas feitas pelo interlocutor,

explicitando e esclarecendo suas idéias. De posse de todo esse material, como coordenadora da obra e mediadora do diálogo, elaboro questões que são comuns para os dois autores, sobre o tema em debate, procurando trazer à tona pontos não abordados até o momento, ou contrapondo temáticas que suscitam divergências entre os mesmos. A terceira etapa de escrita do livro consiste na resposta às perguntas feitas por mim.

Com essa proposta editorial, a *Pontos e Contrapontos* foi configurando-se como um dos meus projetos prediletos, especialmente por me trazer dúvidas e questionamentos. Por me fazer duvidar das minhas próprias “verdades”, por me criar a necessidade e a disponibilidade para o diálogo, ao mesmo tempo que me ensinar a fazê-lo de maneira aberta e respeitosa.

Até o momento foram publicados nove livros dessa coleção: 1) O primeiro deles – “Jogo e Projeto: Pontos e Contrapontos”-, foi produzido em parceria com os Profs. Lino de Macedo (IP/USP) e Nilson José Machado (FEUSP); 2) O segundo – “Inclusão Escolar: Pontos e Contrapontos”, em parceria com as Profas. Maria Teresa Eglér Mantoan (FE/UNICAMP) e Rosângela Prieto (FEUSP); 3) O terceiro – “Educação e Valores: Pontos e Contrapontos”-, em parceria com os Profs. Ulisses Araújo (EACH/USP) e Josep Maria Puig (Universidade de Barcelona); 4) O quarto – “Educação de surdos: Pontos e Contrapontos”-, em parceria com as Profas. Regina de Souza (FE/UNICAMP) e Núria Silvestre (Universidade Autônoma de Barcelona); 5) O quinto – “Educação formal e não formal: Pontos e Contrapontos” -, em parceria com os Profs. Elie Ghanem (FEUSP) e Jaume Trilla (Universidade de Barcelona); 6) O sexto – “Profissão docente: Pontos e Contrapontos” -, em parceria com os Profs. Sônia Penin (FEUSP) e Miquel Martinez (Universidade de Barcelona); 7) O sétimo – “Educação e Competências: Pontos e Contrapontos” -, em parceria com os Profs. Maria Isabel Almeida (FEUSP) e Joan Rué (Universidade Autônoma de Barcelona); 8) O oitavo - “Alfabetização e Letramento: Pontos e Contrapontos” -, em parceria com os Profs. Silvia Colello (FEUSP) e Sérgio Leite (FE/UNICAMP); 9) O nono – “Educação a distancia: Pontos e Contrapontos” -, em parceria com os Profs. José Valente (UNICAMP) e José Moran (USP).

Atualmente estou trabalhando na produção de dois novos livros dessa mesma coleção: 1) “Ensino da Matemática: Pontos e Contrapontos”-, produzido em parceria com os Profs. Nilson José Machado (FEUSP) e Ubiratan D’Ambrósio (Unicamp); 2) “Ensino de Ciências: Pontos e Contrapontos”, em parceria com os Profs. Nélio Bizzo (FEUSP) e Attico Chassot (UFRGS). O lançamento destes dois livros está previsto para Março de 2013.

Outro trabalho que não poderia deixar de mencionar refere-se à produção e à publicação dos livros do Programa “Ética e Cidadania: Construindo valores na escola e na sociedade”,

editados pelo Ministério da Educação e da Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Tais livros foram distribuídos em todas as escolas públicas do Ensino Médio e nas escolas de Ensino Fundamental de todos aqueles municípios com mais de 100.000 habitantes, e faz parte do conjunto de ações do referido programa, do qual sou consultora. Outras ações do mesmo programa serão relatadas no próximo item deste memorial.

Um outro material de que participei da elaboração e escrita foi o módulo “Gênero, ética, sexualidade e educação”. Representando a Universidade de São Paulo, esse material foi produzido em parceria com professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade Estadual Paulista. Compôs o material didático do Programa PEC Formação Universitária, que atendeu a mais de 6.000 professores da rede pública estadual de ensino e a mais de 2400 professores de redes públicas municipais de ensino.

Também fruto de trabalhos desenvolvidos no âmbito de projetos de educação continuada, produzi um texto que foi publicado em livro organizado pela Profa. Denice Barbara Catani²⁸. Tal livro tomou como base a experiência do Curso de Especialização em Ensino Fundamental, promovido pela Secretaria de Educação do Município de Santo André num convênio com a FEUSP, no qual ofereci a disciplina “Questões de Psicologia e Cotidiano Escolar”.

Ainda sobre a formação de professores, devo citar um texto que publiquei na Espanha. Trata-se do relato de uma proposta pedagógica desenvolvida no âmbito da disciplina “Psicologia da Educação”, por mim ministrada para os estudantes do primeiro ano do curso de pedagogia da FEUSP e que teve como princípio a articulação entre duas abordagens inovadoras no campo educacional: Resolução de Problemas e Aprendizagem em Serviço. Inicialmente publicado em catalão²⁹, sua publicação em castelhano saiu em Março de 2008.

As atividades de docência e de pesquisa produziram, também, uma série de trabalhos que foram apresentados em congressos e eventos científicos, no Brasil e no exterior. Uma relação completa dessas apresentações encontra-se em anexo neste memorial, mas acho importante destacar que, no exterior, apresentei trabalhos em congresso realizados nos seguintes países: Estados Unidos, Espanha, Suécia, Escócia, Grécia, Holanda, México, Canadá e Dinamarca.

²⁸ Arantes, V.A. Psicologia e Cotidiano Escolar. In: CATANI, D. B. (org). *Formação e Autoformação: Saberes e práticas nas experiências dos professores*. São Paulo: Escrituras, 2006.

²⁹ Arantes, V. A. *Resolució de problemes i aprenentatge servei: Una proposta pedagògica de vincle amb la comunitat*. In: Martin, X. & Rubio, L. *Experiències d’Aprenentatge Servei*. Barcelona: Octaedro, 2006.

No caso do Brasil, apresentei trabalhos em relevantes congressos científicos nacionais, nas áreas de Psicologia e Educação, como: Anped, Anpepp, Endipe, Congresso Brasileiro de Psicologia e Congresso da Sociedade Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento.

Mais uma vez, gostaria de salientar que a universidade pública me permitiu manter um ritmo constante de publicações e participações em eventos acadêmico-científicos nos últimos anos, o que vem revertendo na solidificação de minha carreira profissional.

Mais importante, porém, considero a possibilidade que tenho tido de promover uma aproximação dos estudos acadêmicos com o cotidiano dos professores de nosso país. Desenvolver materiais didáticos e participar de cursos de formação continuada de professores tem se mostrado um aspecto positivo de minha formação. Poder levar o tema da afetividade, dos sentimentos e das emoções para o interior das escolas, das salas de aula, tem sido uma experiência gratificante que me permite articular diferentes metas e objetivos acadêmicos.

Sempre que participo de trabalhos como esses me vêm à mente minhas experiências passadas com crianças como Ricardo, Norma e Guilherme. Lembro-me de meus tateios e da falta que me fazia ter o apoio de recursos pedagógicos e teóricos que me permitissem ajudar de forma mais adequada e eficiente àquelas crianças. Espero que a vida de outros Ricardos, Normas e Guilhermes sejam melhores a partir de meu trabalho. Fazer isso é uma forma, também, de agradecer a eles a contribuição que deram às minhas pesquisa e à minha vida.

Formando professores e a cidadania: os trabalhos de extensão à comunidade

Uma preocupação que sempre esteve presente em minha trajetória acadêmica foi a de buscar incessantemente aproximações entre Ciência, Psicologia e Educação e a vida cotidiana das pessoas. Mesmo reconhecendo a importância da pesquisa básica (aliás meu doutorado foi em psicologia básica), considero que romper o fosso existente entre a universidade e a vida das pessoas é uma condição imprescindível para justificar os altos investimentos que a sociedade promove no ensino superior. Mesmo consciente de que tal aproximação não é nem fácil e nem tranqüila, venho trilhando esse caminho, na certeza de que podemos contribuir para a transformação social e para a construção de uma sociedade mais justa e feliz.

Tendo como pano de fundo a ética e a cidadania, e a inserção de temáticas relacionadas à afetividade no dia a dia das escolas e salas de aula, em todos esses anos dediquei uma boa parcela de meu tempo ao trabalho de formação de professores. Esse tipo de trabalho, levar os conhecimentos acadêmicos às escolas, reconhecendo que tal aproximação também transforma minhas pesquisas e os conhecimentos que construo, manifesta-se nos diversos projetos com redes públicas de ensino de que participei nos últimos anos.

Ao retornar de Barcelona em 1997, me envolvi com o PEC- Programa de Educação Continuada, estabelecido em convênio mantido pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo e a Universidade Estadual de Campinas. Trabalhei com 4 turmas de 40 professores, de 4 cidades diferentes do interior do Estado, abordando metodologias e técnicas que os auxiliassem a enfrentar as questões de indisciplina, de violência e de ética no dia a dia das escolas. Esse trabalho perpassava, claro, a mudança nas relações interpessoais, os sentimentos, os afetos e a idéia de transversalidade, que eu havia conhecido muito bem durante minha estadia em Barcelona.

Em 1998, de junho a novembro, o programa foi retomado, agora trabalhando com 6 turmas de 40 professores, em 6 cidades distintas. Além de participar do curso acima apresentado, nesse mesmo projeto, com outros 5 professores da Universidade Estadual de Campinas, participei de um outro curso, para duas turmas, sobre Temas Transversais em Educação.

Foi nesse momento que comecei a construir conceitualmente e com práticas pedagógicas o princípio de se abordar os sentimentos e emoções como objetos de conhecimento, e não apenas como uma característica a ser explorada na relação professor-aluno. Tal conceituação está sempre presente em minhas pesquisas e publicações.

O projeto sobre “Temas Transversais em Educação” foi levado em 1998 pela Universidade São Francisco, sob minha coordenação, para os professores da rede pública municipal de ensino de Itatiba (SP).

Em 2001 me envolvi em um projeto junto aos professores da rede pública do município de Três Corações (MG). O trabalho durou 30 meses, se estendendo até junho de 2003, quando me desliguei ao perceber que já tinha atingido os objetivos propostos. O projeto esteve vinculado a um convênio estabelecido entre a prefeitura do município e a Universidade de Três Corações, que forneceu o título de especialistas aos professores da rede que dele participaram. Nele, duas vezes ao mês, desenvolvia ações junto aos professores da rede pública, auxiliando-os na reflexão e transformação de sua prática pedagógica.

No segundo semestre de 2002, já trabalhando na Universidade de São Paulo, fui convidada para ser a coordenadora pedagógica do "Programa Construindo Sempre", em convênio estabelecido entre a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo e a Universidade de São Paulo. Partindo de um diagnóstico das principais características das mudanças do sistema de ensino, da escola básica, particularmente nos últimos anos, acompanhando a análise da situação concreta de cada escola, identificando formas de ação que melhor atendam aos objetivos educacionais definidos para os alunos e trabalhando elementos específicos de cada área, o curso teve como objetivo oferecer formação em serviço para professores PEB II. Nesse período, promovemos a formação de mais de 2.000 professores da rede estadual de ensino.

Nessa perspectiva de formação de professores destaque, também, o trabalho desenvolvido no âmbito do Programa "Ética e Cidadania: Construindo valores na escola e na sociedade", do Ministério da Educação e da Secretaria Especial de Direitos Humanos. Buscando criar as condições necessárias para levar a comunidade escolar a atuar com respeito, solidariedade, responsabilidade, justiça, não-violência e a dialogar nas mais diferentes situações, propõe como instrumento principal de ação a criação, em cada escola, do Fórum Escolar de Ética e Cidadania.

O referido Fórum tem como papel essencial articular os diversos segmentos da comunidade escolar para que se disponham a atuar no desenvolvimento de ações mobilizadoras em torno das temáticas de ética e de cidadania no convívio escolar. As temáticas abordadas pelo programa centram-se em quatro eixos principais: Ética, Direitos Humanos, Convivência Democrática e Inclusão Social.

Procurando consolidar tais objetivos, em 2006 o Ministério da Educação e a TV Escola produziram 5 programas de televisão sobre Ética e Cidadania para a série "Salto para o Futuro". Participei de um dos programas e desse movimento e dos debates resultantes produzimos textos que compuseram um livro publicado pelo Ministério da Educação.³⁰

No âmbito do mesmo programa, durante o ano de 2007 foram desenvolvidas ações de formação de professores em todo o país, por meio da realização de Seminários Regionais do Programa Ética e Cidadania. Desses seminários, atuei pessoalmente em 7 estados: Amapá, Goiás, Maranhão, Pernambuco, Rio Grande do Sul, São Paulo e Sergipe. Conhecer a realidade e o cotidiano de algumas escolas desses estados foi, de fato, uma experiência ímpar na minha vida. Considero que tais seminários contribuíram e ainda contribuirão com o trabalho de reflexão e

³⁰ *Ética e Cidadania: Construindo valores na escola e na sociedade. Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.*

prática daqueles educadores que buscam a construção de um novo paradigma educacional e de uma sociedade mais ética.

Em 2010 coordenei um curso de atualização para a rede municipal de São Bernardo do Campo (SP), para aproximadamente 200 professores-coordenadores. Esse curso contou com a participação de professores da USP e alunos da pós-graduação da Faculdade de Educação, que atuaram como tutores. Foi uma experiência extremamente interessante, que teve a Resolução de Problemas e a Pedagogia de Projetos como eixo norteador do trabalho.

Apesar dos desafios enfrentados no desenvolvimento de todos esses projetos de extensão, o grande desafio ainda estava por vir. Tratava-se de um curso de especialização a distância – “Gestão do Currículo para Professores Coordenadores”³¹-, a ser oferecido para professores coordenadores de todo o Estado de São Paulo (uma parceria entre a Secretaria Estadual de Educação e a Universidade de São Paulo). Sou coordenadora desse curso e atualmente estamos concluindo sua segunda edição (2011/2012). Somando a primeira e segunda edições, o curso foi oferecido para aproximadamente 2.500 profissionais. Esse curso conta com a participação de vários professores da Faculdade de Educação e de outras unidades da USP, além de vários alunos de pós-graduação, que atuam como tutores. Esse tem sido um trabalho extremamente desafiador, que envolve desde a criação do AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), até elaboração de materiais, provas, atividades, etc. É importante ressaltar que trata-se de um curso que possui, também, encontros presenciais nas escolas públicas e também nas Diretorias de Ensino.

Por fim, as mais de 100 conferências e mini-cursos que ministrei nesses últimos anos enquadram-se nas minhas preocupações de levar conhecimentos produzidos no meio acadêmico aos professores de todo o país. Embora considere tais ações relevantes, por apresentar aos professores novas perspectivas de estudos e sensibilizá-los para a importância dos aspectos relacionados à afetividade na educação, acredito que os trabalhos de formação devem ser contínuos e permanentes.

Daí ter tentado evidenciar, nas páginas anteriores, que sempre estive vinculada a projetos que não se resumem a conferências ou idas ocasionais às escolas. Meu trabalho sempre esteve relacionado a programas de longa duração, por reconhecer que as verdadeiras ações que permitem a construção de práticas educacionais transformadoras são aquelas que ocorrem

³¹ Esse curso faz parte do REDEFOR – Rede de Formação -, da Secretaria Estadual de Educação. Trata-se de um grande programa de formação, um convênio entre a Secretaria Estadual de Educação e as três universidades públicas do Estado de São Paulo (USP, Unicamp e UNESP).

cotidianamente nas escolas, respeitando o tempo que cada professor necessita para refletir, tatear, errar, acertar, mas podendo contar com a assessoria constante de profissionais da universidade.

Por outro lado, uma forma de também atuar nessa direção é promovendo seminários que ajudem a própria comunidade acadêmica na sua auto-reflexão, e na aproximação com a comunidade escolar. Nesse sentido, participei ativamente na organização de eventos na FEUSP. Em 2002 promovi o Seminário Internacional “No cenário da educação: ética, gênero e afetividade”, com a participação de pesquisadores brasileiros e estrangeiros; e o Seminário “Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporâneas”, com pesquisadores brasileiros. Em 2006, 2007, 2009, 2010 e 2011 promovi seminários de lançamento dos livros da coleção *Pontos e Contrapontos* (Editora Summus). Em 2011 promovi o Seminário “Amor, Ética e Educação”, com participação das Professoras Genoveva Sastre e Montserrat Moreno, ambas da Universidade de Barcelona.

Em 2010 trabalhei na organização de um grande Congresso Internacional: “PBL 2010 – Aprendizagem Baseada em Problemas e Metodologias ativas de aprendizagem: Conectando pessoas, idéias e comunidades”. O referido evento ocorreu na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo e contou com a participação de pesquisadores e docentes de diferentes países. Fui membro do comitê executivo desse evento e com ele conseguimos resultados altamente positivos tanto para as pesquisas no campo da educação como para os cursos de formação de professores pelos quais somos responsáveis.

A gestão de interesses públicos e a representação democrática

Em universidades privadas as decisões que afetam o coletivo são decididas em gabinetes e pelas pessoas com cargos diretivos. Somente após ingressar em uma universidade pública tive a oportunidade de participar de experiências de gestão de interesses coletivos e de compreender as possibilidades de participação democrática nos processos de tomada de decisão que afetam a vida dos membros de uma comunidade.

Por considerar que tal experiência era uma lacuna na minha formação profissional, desde que fui aprovada no processo seletivo de ingresso da Universidade de São Paulo me prontifiquei, diante do departamento, a assumir as funções que me fossem designadas.

Dessa maneira, em dezembro de 2001 o Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da FEUSP me indicou como membro titular da COC – Comissão Coordenadora do Curso de Pedagogia. Permaneci em tal função até fevereiro de 2003, quando da extinção dessa comissão. Foi uma rica oportunidade de conhecer um pouco do funcionamento da universidade, da faculdade e, também, de conhecer muitos de meu colegas de trabalho.

Desde então venho participando de diversas atividades acadêmico-administrativas na FEUSP. Nos anos de 2005 e 2006 coordenei a área de Psicologia (nível graduação) do EDF (Departamento de Filosofia e Ciências da Educação); nos anos de 2008 e 2009 coordenei a área de Psicanálise e Psicologia (nível graduação) do EDF; nos anos de 2006 e 2007 atuei como Vice-Coordenadora da área de Psicologia e Educação do Programa de Pós-Graduação da FEUSP; nos anos de 2008, 2009 e 2010 atuei como membro da Comissão de Graduação da FEUSP; nos anos de 2009 e 2010 fui membro titular do Conselho do Departamento - EDF; desde 2008 atuo como membro suplente da COC do Instituto de Psicologia da USP.

Entre os anos de 2001 e 2007 participei da elaboração e correção das provas de proficiência em língua estrangeira do Programa de Pós-graduação da FEUSP. Entre os anos de 2003 e 2011 fiz parte das comissões de seleção de mestrado e de doutorado da área de Psicologia e Educação do referido programa. Tais experiências foram excelentes oportunidades de conhecer uma área fundamental da vida acadêmica.

Além das funções que exerço regularmente na FEUSP, durante os anos de 2003 e 2008 dediquei grande parte de meu tempo a atividades acadêmico-administrativas na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP. Em consequência da pesquisa que coordenei para a Comissão Central de Implementação da USP LESTE, já mencionada, fui surpreendida pelo convite feito, em junho de 2003, para atuar como assessora pedagógica dessa comissão. Envolvendo a elaboração e criação dos 10 cursos que atenderiam inicialmente a nova unidade da USP, por parte de diferentes comissões designadas com esse fim pela reitoria, coube a mim orientar tais comissões na organização pedagógica das propostas. Dentre minhas atribuições, destaco a articulação entre as grades curriculares e os princípios estruturadores da unidade, envolvendo a concepção do Ciclo Básico que é um dos diferenciais da USP LESTE. Minha participação nesse projeto foi intensa.

Em novembro de 2003, após cumprida a etapa de preparação das propostas pedagógicas e curriculares para o novo campus da Universidade de São Paulo, com sua entrega ao Conselho Universitário, fui indicada pela reitoria para compor uma das comissões responsáveis pela implantação da USP LESTE: a Comissão de Logística e Ambiente de Trabalho.

Participando de sua elaboração e da configuração de todo o projeto acadêmico da USP Leste, convivendo com as inúmeras unidades e instâncias político-administrativas da USP, aprendi muito sobre o funcionamento da instituição. Destaco, nesse sentido, a possibilidade que tive de visitar diferentes universidades européias que assumem propostas de vanguarda no ensino superior e que subsidiaram de forma importante a construção do projeto da USP Leste.

Em Julho de 2004, quando preparávamo-nos para a inauguração da nova unidade da USP, fui nomeada, pelo Magnífico Reitor, Prof. Adolpho José Melfi, Coordenadora do Ciclo Básico da USP LESTE (naquela ocasião oficialmente denominada “Escola de Artes, Ciências e Humanidades” - EACH). Após inauguração da unidade e composição das diferentes comissões, em Agosto de 2005 tal nomeação foi confirmada pela Congregação da EACH, com mandato até Dezembro de 2008. Este foi, sem dúvida alguma, um dos grandes desafios enfrentados na minha vida acadêmica.

O Ciclo Básico da EACH recebe, anualmente, 1.020 estudantes ingressantes em 10 diferentes cursos de graduação. Articulando a formação introdutória nos campos de conhecimento de cada curso, com uma formação geral de caráter científico e humanista, e uma forte preocupação com a formação científica dos estudantes por meio da Resolução de Problemas, o projeto do Ciclo Básico busca inovar as bases do ensino superior. Desde a sua elaboração vislumbramos a produção de novas formas de organização da graduação na universidade.

Por se tratar de um projeto inovador, fui convidada por diferentes universidades (brasileiras e européias) para apresentar tal experiência durante congressos e eventos acadêmicos. Considero que a repercussão de tais apresentações foi excelente. O interesse das pessoas pelo projeto e, mais ainda, a busca por detalhes sobre sua organização, estrutura e funcionamento foi notória. Em especial, destaco a surpresa das pessoas ao se depararem com uma organização universitária que rompe com a “tão conhecida” estrutura departamental.

Durante esses eventos foi de grande relevância o fato de termos registrado, no primeiro ano de funcionamento da EACH, em formato de livro, todo o processo de sua criação. Nesse livro³² tive o prazer de descrever com detalhes o projeto do Ciclo Básico.

Enfim, foram várias as oportunidades para estreitar os laços de intercâmbio com profissionais que desenvolvem projetos dentro dos pressupostos de interdisciplinaridade e de Aprendizagem Baseada em Problemas (Problem Based Learning).

³² GOMES, C.B. USP Leste: *A expansão da Universidade do Oeste para Leste*. São Paulo: Editora da USP, 2005.

Desses intercâmbios emergiram iniciativas para publicações sobre a experiência da EACH, no contexto de livros sobre inovações no ensino superior. Em 2008 foram três publicações sobre o referido projeto, duas na Espanha (pelas Editoras Gedisa e Octaedro) e uma no Brasil (pela Editora Vozes).

Concomitante à coordenação do Ciclo Básico, desempenhei, também, as seguintes funções na EACH: Vice-Presidente da Comissão de Graduação e Membro Suplente da Comissão de Pesquisa e Pós-Graduação.

Além disso, desempenhei funções em duas Pró-Reitorias: na Pro-Reitoria de Graduação da USP atuei como Membro da Comissão do Pró-Lab, representando a área de Humanidades; na Pró-Reitoria de Extensão atuei como Membro do Conselho Deliberativo do Nasce – Núcleo de Apoio Social, Cultural e de Extensão.

É importante ressaltar que, para além de questões administrativas, todas as ações aqui descritas envolvem, obviamente, atividades acadêmicas.

Também nessa direção, nos últimos anos tenho atuado como consultora *ad hoc* de várias revistas científicas, como “Educação e Pesquisa”, da FEUSP; “Boletim de Psicologia”, da Sociedade de Psicologia de São Paulo; “Psicologia em Estudo”, da Universidade Estadual de Maringá; “Cadernos de Pesquisa”, da Universidade Federal de Pelotas; “Psicologia: Reflexão e Crítica”, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, “Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação”, da Universidade de São Paulo; “Temas em Psicologia”, da Sociedade Brasileira de Psicologia; “Revista Psicologia”, da Universidade São Francisco, etc.

A gestão de interesses coletivos e a representação democrática na academia, embora sejam atividades questionadas por muitos membros da comunidade acadêmica, são essenciais para instituições como a universidade pública. Servem de laboratório e de referência para a sociedade em seu processo de democratização e, por isso, acredito que participar de tais ações é uma forma importante de contribuir para a transformação da sociedade. Espero poder continuar dando minha contribuição nesses caminhos acadêmicos.

A afetividade no cenário da educação e da vida

*"Os sentimentos modificam o pensamento, a ação e o entorno;
a ação modifica o pensamento, os sentimentos e o entorno;
o entorno influi nos pensamentos, nos sentimentos e na ação;
os pensamentos influem no sentimento, na ação e no entorno"*

(José Antonio Marina³³).

Como pode ser observado por este memorial, minha experiência profissional e acadêmica sempre esteve vinculada às áreas de Psicologia e Educação, sendo meu objeto de trabalho a formação de professores. No momento, meu alvo de pesquisas é o tema da afetividade e dos projetos de vida, cujo objetivo é, para além de avançar nos estudos sobre os processos psicológicos que podem levar o ser humano a construir valores morais que almejem a realização de projetos vitais, estudar e desenvolver novas perspectivas e modelos para uma educação que promova a ética, a cidadania e que levem os jovens a construírem projetos de vida significativos para eles e para a sociedade na qual vivem, dentro da concepção de *Eudemonia*.

Revisitar minha vida através deste memorial trouxe-me a certeza de que os caminhos trilhados contemplam inquietações e preocupações presentes ao longo da minha profissional: trazer para o cenário da educação o tema da afetividade. Esta é a razão de ter escolhido a epígrafe acima para terminar este memorial. Ela parece dar visibilidade à uma forte convicção que carrego há alguns anos: a necessidade de superarmos a separação entre as vertentes racional e emocional do pensamento, as esferas pública e privada da vida humana e os campos científico e cotidiano do conhecimento. Tal convicção advém, naturalmente, das ações e das experiências emocionais que atravessaram minha vida e que certamente estão presentes em meus pensamentos.

Minhas inquietações, no entanto, continuam presentes e depois de todos esses anos, continuo acreditando na Universidade de São Paulo como um espaço privilegiado para superá-las e, ao mesmo tempo, para criar novos questionamentos... em mim e nas futuras gerações que devo formar. Espero que tais inquietações, longe de serem respondidas, terminem por me conduzir a outras tantas dúvidas. É por elas que desejo pesquisar e é por elas que desejo continuar.

São Paulo, 1º de Outubro de 2012.

Profa. Valéria Amorim Arantes

³³ *El laberinto sentimental*. Barcelona: Anagrama, 1996.

CURRICULO LATTES

SUMÁRIO CURRÍCULO LATTES E LOCALIZAÇÃO/LISTA DE COMPROVANTES

ITEM DO CURRÍCULO	PG	Caixa
Dados Pessoais	54	1
Formação acadêmica/titulação	54	1
Projetos	55	-
Produção em C, T& A	59	-
Produção bibliográfica	59	-
Artigos completos publicados em periódicos	59	2
Artigos aceitos para publicação	60	2
Livros publicados	60	3
Capítulos de livros publicados	61	3
Livros organizados	63	3
Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)	63	2
Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)	66	2
Artigos em jornal de notícias	70	1
Artigos em revistas (Magazine)	70	1
Apresentação de Trabalho	71	1
Demais produções bibliográficas	81	1
Produção Técnica	83	-
Trabalhos técnicos	83	1
Demais produções técnicas	90	1
Orientações e Supervisões	93	-
Orientações e Supervisões concluídas	93	-
Dissertações de mestrado	93	1
Teses de doutorado	94	1
Trabalhos de conclusão de curso de graduação	94	1
Iniciação científica	94	1
Orientações e Supervisões em andamento	94	-
Dissertações de Mestrado	94	-
Teses de Doutorado	95	-
Eventos	95	-
Participação em eventos	95	1
Organização de evento	95	1
Bancas	96	-
Mestrado	96	1
Doutorado	99	1
Exame de qualificação de doutorado	101	1
Participação em banca de comissões julgadoras	102	-
Concurso público	102	1
Outras	103	1

Valéria Amorim Arantes
Curriculum Vitae

Setembro/2012